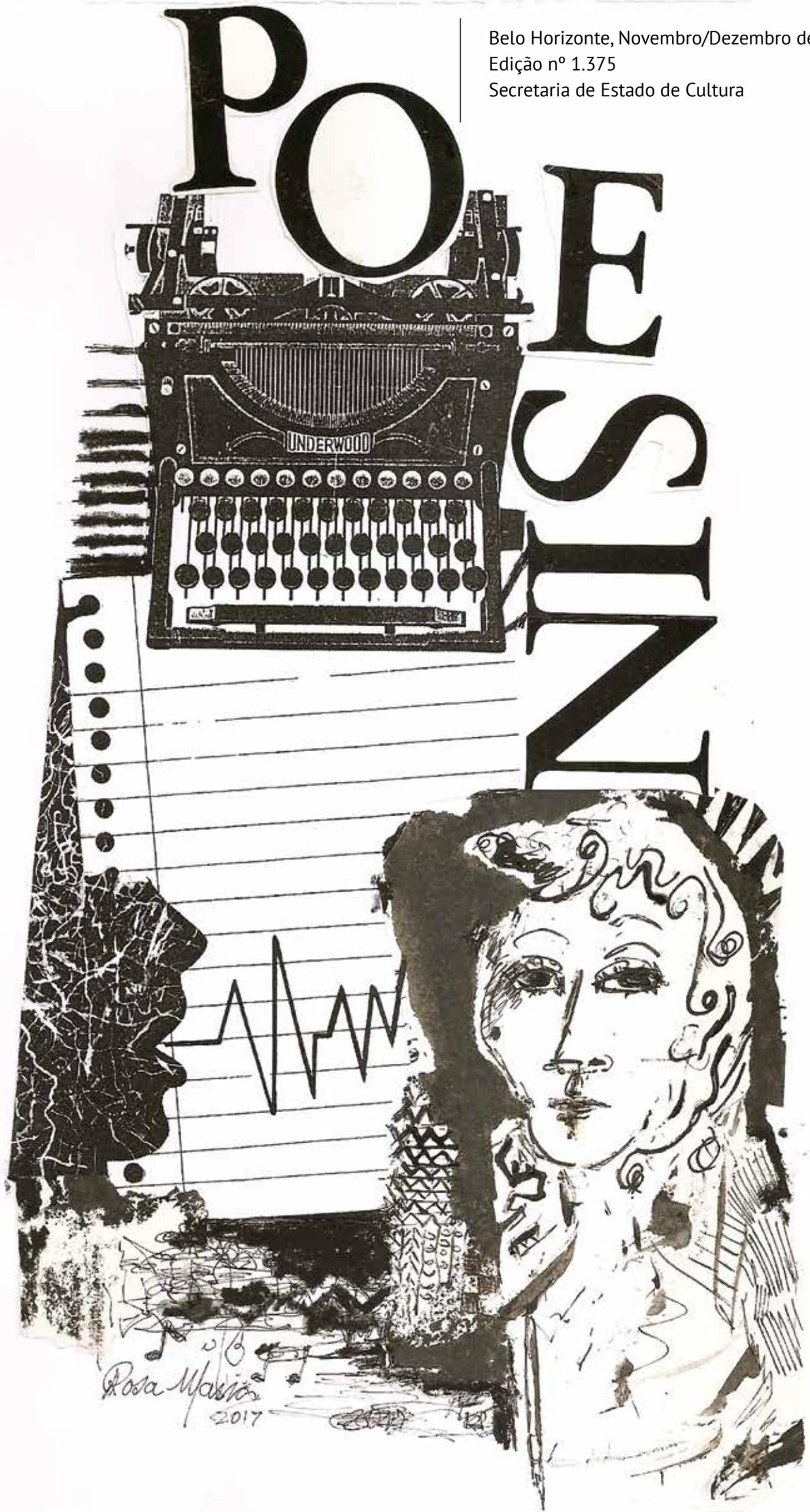
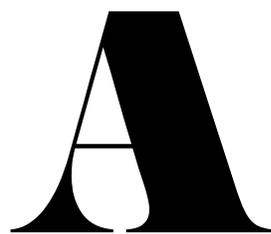


SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Novembro/Dezembro de 2017
Edição nº 1.375
Secretaria de Estado de Cultura





geração de escritores mineiros surgida na época da criação do Suplemento Literário do "Minas Gerais" começou a se materializar menos de um ano depois, em abril de 1967, com o lançamento dos contos de *Tremor de Terra*, que marcou a estreia em livro de Luiz Vilela, imediatamente reconhecido como um dos maiores contistas do país no dia mesmo da chegada do livro, quando foi noticiada sua conquista do Prêmio Nacional de Ficção, de Brasília, então o mais importante concurso literário do Brasil. O material publicado na abertura desta edição do **Suplemento Literário** comemora a data e recorda a repercussão do aparecimento de *Tremor de Terra* cinquenta anos depois.

Outra personalidade marcante de nossas letras, o poeta fluminense Leonardo Fróes, revela, em entrevista ao jornalista paulista Ricardo Lima, os segredos de sua poesia ao mesmo tempo simples e sofisticada.

O ensaísta Paulo Moreira nos mostra um interessante "confronto" entre dois monstros da literatura latino-americana, o brasileiro Machado de Assis e o mexicano Juan Rulfo, comparando suas obras *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Pedro Páramo*.

Os poemas de Vera Casa Nova, Andityas Soares de Moura, Nicolas Behr e Márcio Almeida, e os contos de Patrícia Maês, Ronald Polito e Alciene Ribeiro, dão conta do melhor que a nossa produção literária tem realizado.

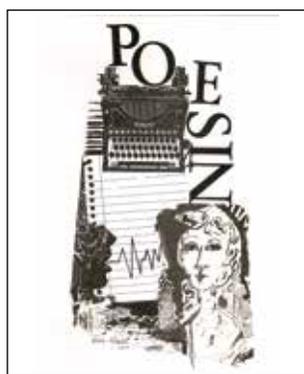
O desenho da capa é de Rosa Maria.

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Secretário de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
João Batista Miguel
Marco Antônio de Rezende Teixeira
Tancredo Antônio Nunes

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário Lucas Guimaraens

SUPLEMENTO



Capa: Rosa Maria

Suplemento Literário
Diretor Jaime Prado Gouvêa
Coordenador de Apoio Técnico Marcelo Miranda
Coordenador de Promoção e Articulação Literária João Pombo Barile
Projeto Gráfico Plínio Fernandes
Escritório de Design Gíria Design e Comunicação
Diagramação Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Conselho Editorial Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Equipe de Apoio Elizabeth Neves, Flávia Souza.

Jornalista Responsável Marcelo Miranda – JP 66716 MG
ISSN: 0102-065x

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O SUPLEMENTO é impresso no parque gráfico da Companhia de Tecnologia da Informação do Estado de Minas Gerais – Prodemge

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

MINAS GERAIS
DIÁLOGO EQUILÍBRIO TRABALHO



OS 50 ANOS DE UM CLÁSSICO

Na noite de 20 de abril de 1967, Luiz Vilela, então com 24 anos, lançava, na Livraria do Estudante, em Belo Horizonte, seu primeiro livro de contos, *Tremor de Terra*, numa pequena edição de mil exemplares, paga pelo autor. Na mesma noite, antes de iniciar a sessão de autógrafos, ele ficou sabendo que o livro, concorrendo com 250 escritores, alguns consagrados, ganhara, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ficção, na época o maior prêmio literário do país.

De lá para cá 50 anos se passaram e muita coisa aconteceu com *Tremor de Terra*: contos traduzidos para diversas línguas, participação em antologias, inclusão em livros didáticos, objeto de dissertações de mestrado e teses de doutorado, listas de vestibular, adaptações para cinema e teatro e várias edições por diferentes editoras, tendo sido lançada neste ano, pela Editora Record, a 10^a edição do livro.

Como homenagem aos 50 anos de *Tremor de Terra*, este **Suplemento** publica a seguir um apanhado das notícias e comentários sobre o livro, extraídos dos jornais e revistas da época, que mostram sua repercussão.



No lançamento de *Tremor de Terra*, da esquerda para a direita, Moacyr Laterza, Laís Corrêa de Araújo, Luiz Vilela, Murilo Rubião, Sérgio Danilo, Adão Ventura, Affonso Ávila, José Márcio Penido e Libério Neves.



20-4-1967, a primeira noite de autógrafos de Luiz Vilela.



UM TREMOR NA LITERATURA

Entrevista a Duílio Gomes para o jornal *Estado de Minas* em 21 de maio de 1997

Estado de Minas - Na noite de 20 de abril de 1967, há trinta anos, portanto, você lançava aqui, na capital mineira, na Livraria do Estudante, seu primeiro livro, de contos, *Tremor de Terra*, e recebia, naquela mesma noite, a notícia de que o livro ganhara, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ficção. Como foi isso?

Luiz Vilela - Bom, o mínimo que eu posso dizer é que foi uma noite inolvidável. Se lançar o primeiro livro já é uma emoção muito forte, que dirá lançá-lo e, na mesma ocasião, receber a notícia de que ele ganhara o maior prêmio literário do país. Ainda mais para um jovem escritor de 24 anos. É importante lembrar também que eu, recusado pelos editores, publicara o *Tremor* à minha custa, numa edição graficamente modesta e de apenas mil exemplares, e que eu concorrera com 250 escritores de todo o Brasil, entre os quais vários consagrados, como José Geraldo Vieira, José Condé, Mário Palmério, Osman Lins...

EM - E como foi lá, em Brasília? No livro *Desatino da Rapaziada*, Humberto Werneck, falando sobre o prêmio, conta que José Geraldo Vieira, certo da vitória, "ao desembarcar em Brasília, levava no bolso, prontinho, um discurso de agradecimento"...

LV - É, foi isso o que me contaram em Brasília. Eu fui lá para receber o prêmio, que era entregue no encerramento da Semana Nacional do Escritor, e então fiquei sabendo de várias histórias, entre as quais a de que o José Geraldo Vieira estava tão certo de ganhar o prêmio, que já levava pronto o seu discurso de agradecimento. Quando o resultado do concurso saiu, ele, inconformado, perguntou à comissão julgadora se aquele concurso era destinado a "aposentar autores de obra feita e premiar meninos saídos da creche". No livro *Situações da Ficção*

Os grandes jornais divulgaram a notícia e me vi, da noite para o dia, conhecido em todo o Brasil, embora, é claro, o meu livro não tivesse sido feito da noite para o dia: ele era, isto sim, a culminância de um trabalho que eu vinha desenvolvendo, com dedicação absoluta, desde os 13 anos.

Brasileira, publicado alguns anos mais tarde, Fausto Cunha, que fizera parte da comissão julgadora, relembrou o episódio e comentou: "Os mais novos empurram implacavelmente os mais velhos para a história ou para o lixo." É isso.

EM - E qual foi a repercussão do prêmio no Brasil?

LV - Foi ótima. Os grandes jornais divulgaram a notícia e me vi, da noite para o dia, conhecido em todo o Brasil, embora, é claro, o meu livro não tivesse sido feito da noite para o dia: ele era, isto sim, a culminância de um trabalho que eu vinha desenvolvendo, com dedicação absoluta, desde os 13 anos. Algum tempo depois do prêmio, o *Jornal do Brasil* trouxe, em página dupla, uma reportagem sobre a "Literatura Brasileira no Século XX: Prosa", na qual estampava uma galeria de retratos de dez escritores, começando com o de Euclides da Cunha e terminando com o meu, "o mais significativo representante em prosa" da nova geração.

EM - E em Minas, qual foi a repercussão?

LV - Em Minas, naturalmente, a repercussão foi maior ainda. Fui tão badalado, que algumas pessoas de meu círculo, em vez de me chamarem pelo nome, passaram a me chamar de Prêmio Nacional. "Prêmio Nacional, vamos tomar um cafezinho? Prêmio, você já leu esse livro aqui? Prêmio, você vai ao cinema hoje?" Um aspecto muito importante da minha premiação é que ela serviu de estímulo aos outros jovens escritores de Minas para que eles também publicassem os seus livros e entrassem em concursos nacionais. Um desses escritores, talvez resumindo o pensamento de todos, disse a um jornal que a premiação representava para eles o que o Mineirão, que tinha sido havia pouco tempo inaugurado, representara para o esporte mineiro.



EM - Com o prêmio, uma nova edição maior e de melhor qualidade gráfica foi feita por uma editora do Rio, a Lidador. Como foi a recepção da crítica?

LV - Até onde pude acompanhar, a crítica foi unânime em elogiar o livro. Além disso, várias das figuras de maior expressão na época falaram sobre ele, como, por exemplo, o biógrafo Raimundo Magalhães Júnior, na *Manchete*, que destacou o meu "virtuosismo técnico", observando ainda que "o autor tem audácias de linguagem, e, quando lhe parece indispensável, usa uns enérgicos palavrões". Outra figura, o historiador Nelson Werneck Sodré, na *Revista Civilização Brasileira*, chamou o *Tremor* de "um belo livro de contos". Mas o mais surpreendente para mim foi o Stanislaw Ponte Preta, na sua coluna da *Última Hora*. "Li os contos do homem", disse ele. "É bom sim." E terminava: "Leitores da flor dos Ponte Preta, prestem atenção num contista mineiro recém-lançado. O nome dele é Luiz Vilela e o do seu livro é *Tremor de Terra*."

EM - E no exterior, chegou a haver também alguma repercussão?

LV - Se houve, nos dias do prêmio, eu não fiquei sabendo. Mas, no ano seguinte, o *La Nación*, da Argentina, num balanço da literatura brasileira atual, citou o *Tremor* como um dos livros mais importantes. Nesse mesmo ano, um conto do livro, "Por toda a vida", foi escolhido para figurar numa antologia de modernos contistas brasileiros publicada na Alemanha, *Moderne Brasilianische Erzähler*. E no final do ano eu fui convidado para participar do International Writing Program, nos Estados Unidos, onde fiquei nove meses. Já no início dos anos 70, o *Tremor* foi comentado por John Parker, da Universidade de Glasgow, no seu ensaio *Brazilian Fiction, 1950-1970*, e depois por Pavla Lidmilová, da Universidade de Praga, num estudo intitulado "O conto brasileiro: a crítica e o sonho", hoje parte integrante de seu livro *Alguns Temas da Literatura Brasileira*.

EM - Muita coisa foi publicada então e depois, ao longo desses anos, sobre o livro. Você destacaria alguma que o agradou de modo especial?

LV - Sim, eu destacaria. Destacaria dois artigos publicados na época do prêmio, e, por sinal, de duas mineiras. Um, de Maria Luiza Ramos, "Confissão em contraponto", uma análise em profundidade do conto "Confissão", que saiu no *Suplemento Literário* do "Minas Gerais" e foi depois incluído pela autora no seu livro *Fenomenologia da Obra Literária*. O outro, de Maria Lúcia Tôrres Lepecki, "Prêmio Nacional de Ficção", saiu no *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*. É um artigo muito bem escrito, que resume assim o meu livro: "Nesta série de narrativas, a comunicação entre os seres inexistente. Há falas, diálogos, conversas, as personagens podem abrir-se, aparentemente, umas com as outras, mas não há entre elas qualquer possibilidade de compreensão: impossível chegar ao outro, como impossível trazê-lo a si." E o artigo conclui: "A impressão que resta da leitura do livro é a de um mundo absurdo, mas

tranquilamente absurdo, como se outra coisa não pudesse ser e não se esperasse que fosse."

EM - Tremor de Terra já foi traduzido?

LV - Infelizmente não. Nos anos 70, a Gallimard, da França, escreveu à minha editora manifestando interesse nele, mas, que eu saiba, ela não deu mais notícia. Agora, isoladamente, a maioria dos contos do livro já foi traduzida e circula hoje por vários países, alguns contos até com mais de uma tradução num mesmo país, como é o caso de "Deus sabe o que faz", que saiu por duas vezes nos Estados Unidos: uma num tabloide de cultura, *Liftouts*, e outra, por outro tradutor, num livro publicado em Nova York, *Latin-American Literature Today*. Esse livro reunia a nata dos hispanos: Borges, Astúrias, Carpentier, Neruda, Cortázar, García Márquez, Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Octavio Paz... Representando o Brasil, três autores: Manuel Bandeira, Dalton Trevisan e eu.

EM - Qual, em termos editoriais, a situação do livro atualmente?

LV - Depois da minha edição e das edições de duas editoras cariocas, a Lidador e a Gernasa, o *Tremor* foi reeditado pela Ática, em 1977. Essa edição vendeu toda em 52 dias, fato que surpreendeu a todos, inclusive o autor. Depois dela saíram, pela Ática, mais três edições, sendo a última, a 7ª, de 1980. De lá para cá, o livro, embora nunca pare de vender, vem vendendo pouco. Penso que as gerações mais novas não conhecem o *Tremor de Terra* e nem mesmo ouviram falar dele. Quem sabe esta entrevista servirá para despertar-lhes o interesse? Resta saber se encontrarão o livro em alguma livraria...

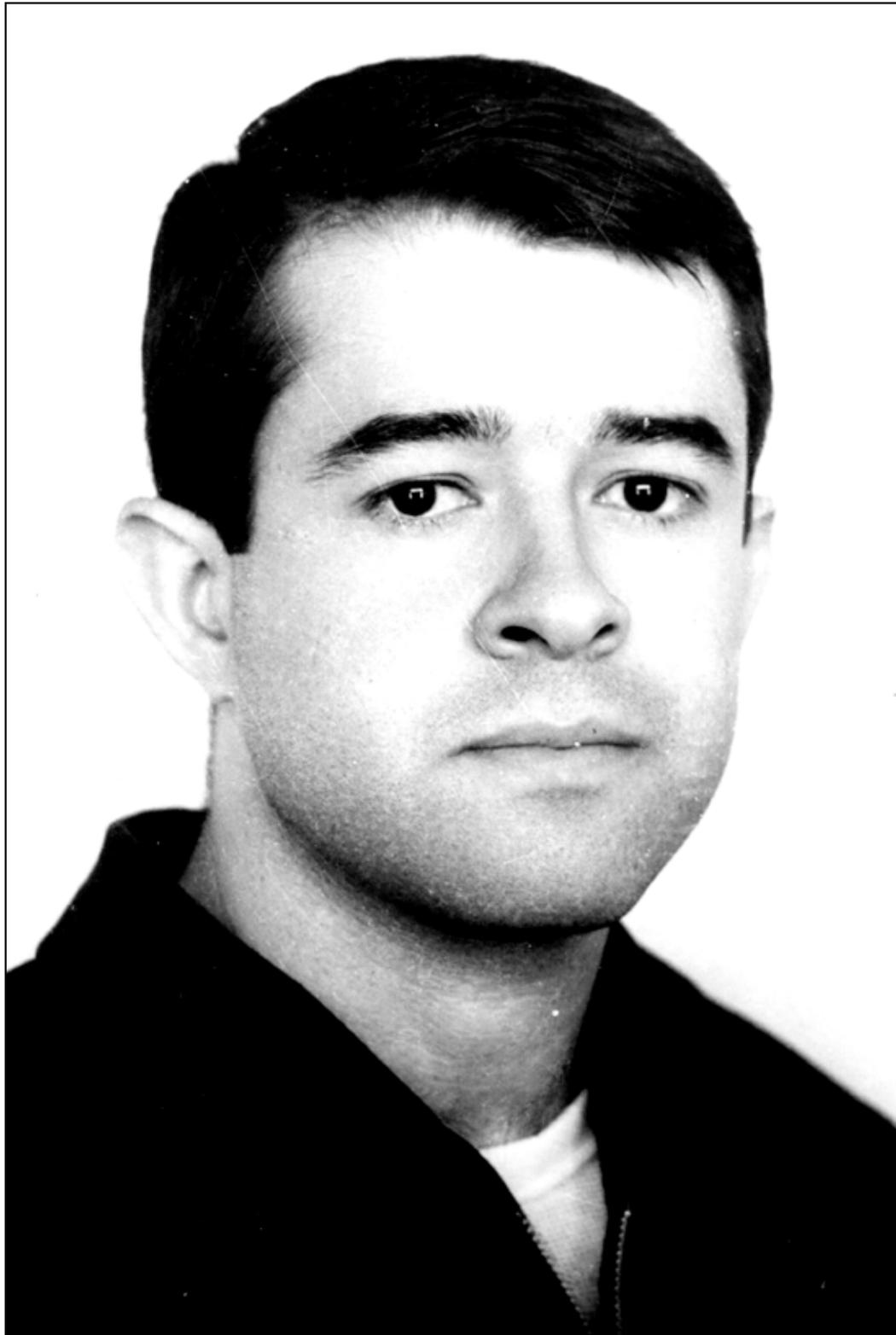
EM - Trinta anos depois, quase uma dúzia de livros publicados entre contos, novelas e romances, vários prêmios literários, traduções, adaptações, etc., como você vê hoje o Tremor de Terra?

LV - Sei de autores que se arrependem do primeiro livro publicado e até de alguns que passam o resto de suas vidas tentando encontrar os exemplares da edição para destruí-los. Deve ser horrível. Eu não tenho esse problema. Orgulho-me do *Tremor de Terra*, e orgulho-me não pelas coisas que aconteceram com ele: elas aconteceram como poderiam não ter acontecido. Eu orgulho-me do *Tremor* pelo livro que ele é, por sua qualidade literária. É essa qualidade que, a meu ver, permitiu a ele atravessar esses trinta anos — e vai permitir, espero, atravessar todos os outros trinta que houver pela frente.

(Esta entrevista foi incluída como anexo na 8ª edição do Tremor de Terra, publicada pela Publifolha, de São Paulo, em 2003.)



A AUTOANÁLISE DE LUIZ VILELA





Luiz Vilela, um livro publicado, um prêmio nacional - 'Prefeitura do Distrito Federal' - e o direito de ser disputado pelas grandes editoras. Tremor de Terra, que derrotou livros dos maiores nomes da literatura nacional, já tem segunda edição programada, pela Editora Lido, do Rio, enquanto No Bar, seu segundo livro, de contos, entra no prelo.

Aqui, Luiz Vilela é entrevistado por um crítico (Fábio Lucas), um contista (Murilo Rubião), um sociólogo (Fernando Correia Dias), um professor de estética (Moacyr Laterza), um poeta (Affonso Ávila) e por poetas e contistas da nova geração: Luís Gonzaga Vieira, Márcio Sampaio, Libério Neves, Henry Corrêa de Araújo, José Márcio Penido, Adão Ventura e Sérgio Sant'Anna.

Fernando Correia Dias: Mais que pela espontaneidade e pela segurança narrativa, seu livro se destaca por uma visão do mundo carregada de mineirismo (na linha dos melhores ficcionistas mineiros). É um mineiro moderno falando (com alguns modismos da linguagem triangulina) sobre o homem belorizontino no mundo. Nessa visão, em que medida entram a Filosofia, a Minas urbana de 1967, a infância em Ituiutaba, e a sua rodinha?

Luiz Vilela: Creio que tudo isso entra no livro, mas em que medida é difícil para mim dizer, pois estou muito dentro do que escrevo, e para ver isso, eu teria de estar fora. Os leitores e a crítica é que talvez possam dizer.

Márcio Sampaio: O que você acha do *Tremor de Terra*, e o que o livro significa para você?

Luiz Vilela: O que eu acho? É meu livro, e eu gosto dele. O que significa: é uma conquista, uma realização, um passo a mais.

Libério Neves: Quem teve mais coragem? Você, de ter-se iniciado através de uma renovação violenta da prosa, ou a comissão que o premiou em Brasília, enfrentando, como era de se esperar, o protesto dos que vinham fazendo sempre a mesma coisa na ficção?

Luiz Vilela: Isso você e os outros é que dirão. O que eu posso dizer é apenas que a comissão foi realmente de uma grande coragem, fato bastante raro na história de nossos concursos literários.

Affonso Ávila: Ainda há lugar para a estória na ficção moderna ou ela tende a ser apenas uma questão de linguagem ou um texto que é o seu próprio conteúdo e a sua própria estrutura?

Luiz Vilela: Creio que há, e que ela não tende a ser apenas uma questão de linguagem; mas creio também que se o ficcionista não se preocupar com a linguagem, ou seja, por dar um tratamento próprio à estória, ela corre o risco de se tornar um simples caso, o "causo", esse tipo de literatura fácil, que entretém um momento é depois é esquecida para sempre. É a linguagem, a criação de uma linguagem própria de cada ficcionista que dá à estória aquela terceira dimensão característica de toda grande ficção. Essa linguagem, no fundo, não é mais do que a voz única e intransferível do escritor; se ele não a tem, ele escreverá como todo mundo, mesmo que viole todas as regras da gramática, que seja leitor assíduo das revistas de vanguarda e que deixe a barba crescer. Hemingway usava barba grande, mas escreveu *O Velho e o Mar*, *O Sol Também se Levanta* e outros livros.

Henry Corrêa de Araújo: Qual o escritor que mais o influenciou como contista?

Luiz Vilela: Um brasileiro: Dalton Trevisan. Um estrangeiro: Hemingway.

Murilo Rubião: Qual a contribuição que Kafka deu ao conto moderno?

Luiz Vilela: A contribuição de Kafka ao conto moderno é enorme



e se insere na contribuição maior à literatura moderna de toda a sua obra de escritor. É difícil falar aqui, em poucas palavras, o que foi essa contribuição, tão vasta é ela e quando já foi estudada e comentada no mundo inteiro. Prefiro simplesmente acrescentar, ao de muitos outros, o meu reconhecimento do que devo ao escritor tcheco: o que lhe devo é incalculável. A meu ver, Kafka continua formando com Joyce e Proust a santíssima trindade da literatura moderna, e todo escritor sério, hoje, é um pouco devedor, confesso ou não, deles. Dívida, aliás, de que ele só pode se orgulhar.

José Márcio Penido: Você escreve numa linguagem renovada perfeitamente compreensível (coisa não muito frequente hoje em dia). Acredita que a renovação do gênero conto se faça exclusivamente pela linguagem?

Luiz Vilela: Exclusivamente não. A linguagem é fundamental, mas linguagem somente não faz um conto. Há as outras coisas, e é nelas também que o conto pode ser renovado.

Fábio Lucas: Estará no fato de que nos seus contos as personagens dificilmente chegam a se comunicar a razão pela qual tão pouco espaço seja dedicado ao amor?

Luiz Vilela: Não me parece que o espaço seja tão pouco, pelo menos como vejo o amor. Quanto aos personagens, alguns são de fato assim: dificilmente chegam a se comunicar.

Sérgio Sant'Anna: A prosa feita atualmente em Minas Gerais, pelos contistas da nova geração traz, no seu entender, alguma contribuição nova à literatura brasileira? Qual seria a marca, o traço próprio dessa geração?

Luiz Vilela: Acredito que traz. Quanto a quê, ou seja, o traço próprio dessa geração, isso somente os outros poderão ver e dizer. É preciso uma distância da coisa feita, e nós mesmos não temos essa distância.

Adão Ventura: Você acha que a ficção brasileira caminha para uma determinada perspectiva no âmbito da chamada inovação?

Luiz Vilela: Não sei. Sei que ela caminha; para onde, não sei. Mas o importante é isso, que ela caminhe, que não fique parada. Naturalmente que há aqueles para os quais ela já parou. Parou onde? Neles, claro. Mais nada a fazer, tudo já foi dito, nada de novo sob o sol, ou então as histórias

em quadrinhos, a era espacial, a pop-art, etc. Nesse ponto sou bem mineiro: desconfiado. Prefiro verificar por mim mesmo. O que quer dizer que continuarei a escrever literatura. Se algum dia descobrir que ela não tem mais sentido, eu paro. Por enquanto não descobri. Até pelo contrário. A publicação de meu primeiro livro me fez ver que ela tem mais sentido do que eu pensava. Evidentemente que ela não pesa tanto quanto a bomba atômica, mas tem lá também o seu peso...

Moacyr Laterza: Até onde reconhece que a paisagem do chapadão, abismo horizontal, do nosso Triângulo influenciou na construção de seu "Tremor de Terra"?

Luiz Vilela: Deve ter havido certamente essa influência, mas não sei até onde. Isso é difícil para eu mesmo saber.

Luís Gonzaga Vieira: Que relação você vê entre literatura e vida?

Luiz Vilela: Eu não as separo. Falo aqui da minha literatura e da minha vida. Escrever, para mim, é uma consequência do que eu vivo: do que eu penso, sinto, vejo, faço.

(Geraldo Morais e Barros, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 jun. 1967.)



A Editora Record, do Rio de Janeiro,
e a Fundação Cultural de Ituiutaba
convidam para a noite de autógrafos do
livro "Tremor de Terra", 10ª edição,
de Luiz Vilela,
no dia 9 de junho de 2017,
a partir das 20 horas,
no Pilão Bar e Restaurante,
Av. 15, nº 1084, tel. 3268-1670,
Ituiutaba, MG.



Luiz Vilela, TREMOR DE TERRA
50 Anos de Publicação

"Um belo livro de contos."
Nelson Werneck Sodré
Revista Civilização Brasileira

"Li os contos do homem. É bom sim."
Stanislaw Ponte Preta
Última Hora

"Obrigada livro ótimo."
Clarice Lispector
Telegrama ao Autor



TREMOR DE TERRA

críticas

"O autor premiado, Luiz Vilela é desconhecido de todos os participantes da Semana, que sabem apenas ser ele residente em Belo Horizonte."

(Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 abr. 1967)

*

"A esperança de que os outros centros de cultura do país se voltem para o que a sua geração vem fazendo em Minas Gerais, e a certeza de que, a partir de agora, os escritores jovens terão mais confiança para disputar prêmios com os 'medalhões', sem medo de que haja concursos de encomenda, são as duas principais conseqüências que Luiz Vilela, um escritor mineiro de 24 anos, vê na vitória de *Tremor de Terra*, o seu livro de estreia.

Com este livro ele ganha NCr\$ 2 mil no Prêmio Nacional de Ficção "Prefeitura do Distrito Federal" derrotando 250 escritores brasileiros, entre os quais José Condé, José Geraldo Vieira, Mário Palmério, Assis Brasil, Elisa Lispector e Osman Lins, diante de um júri formado por Fausto Cunha, Lygia Fagundes Telles, Adonias Filho, Leonardo Arroio e Samuel Rawet."

(Jayme Gomide, Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 maio 1967)

*

"Mal comparando, a vitória do Vilela representa, para a geração nova de escritores, o que o Mineirão representou para o esporte mineiro."

(José Márcio Penido, entrevista, Diário de Minas, Belo Horizonte, 28/29 maio 1967)

*

"Estreante também — e bem mais maduro — é Luiz Vilela, autor de *Tremor de Terra*, com que venceu recente concurso. O autor mostra seu virtuosismo técnico, usando as variações mais sugestivas das formas épica e dramática: o conto dialogado ('Confissão' é de excepcional finura psicológica), o monólogo interior, a forma descritiva (em 'Velório', talvez o melhor). O autor tem audácias de linguagem e, quando lhe parece indispensável, usa uns enérgicos palavrões."

(Raimundo Magalhães Júnior, Manchete, jun. 1967)



"Em seus contos, de uma pungência dolorosa, a gente vê sempre no fundo a face humana. Agora está sendo moda elogiá-lo - depois do prêmio -, mas nós o fizemos bem antes da moda chegar, quando saiu, há três ou quatro anos, discretamente, o primeiro número da revista *Estória*."

(Euclides Marques Andrade, *O Diário, Belo Horizonte*, 2 jul. 1967)

*

"Um dos valores já definidos, entre os muitos do movimento de que Belo Horizonte é palco, vem de ser premiado no encontro de escritores realizado em Brasília recentemente - quando a polícia local, aliás, participou dos debates, com o seu instrumento cultural específico, de que resultou até a hospitalização de estudantes. O referido prêmio coube a Luiz Vilela, com o volume de contos *Tremor de Terra*, composto e impresso na 'grafiquinha', conforme está registrado. Luiz Vilela, para quem acompanha o movimento literário mineiro, não era um desconhecido; a singularidade está na premiação, isto é, no reconhecimento de seu mérito por parte de escritores conhecidos. Se o regime imperante na distribuição de prêmios literários entre nós merece os mais severos reparos, a singularidade deste caso alinha uma nota dissonante e alta no cantochão baixíssimo que era a regra em casos tais. *Tremor de Terra* é um belo livro de contos; o prêmio sanciona a realidade das qualidades de seu autor. Nem tudo está perdido neste país."

(Nelson Werneck Sodré, *Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro*, jul. 1967)

*

"E aqui, em Belô, a terra treme... Estourando nas livrarias o livro premiado de Luiz Vilela, *Tremor de Terra*, que obteve o 1º lugar no Concurso Nacional de Ficção, realizado em Brasília... Fórmula certa de ler... e gostar."

(Marina de Aquino, *Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6 jul. 1967)

*

"Agora recebemos este livro, numa edição quase clandestina, tirada em Belo Horizonte. E, para alegria minha, verifico que ele resiste a toda essa fofoca literária do prêmio. É um livro bom, tem alguns contos ótimos, uma estreia excelente. Seu autor é um jovem mineiro (...) Seu estilo é anti-convencional, direto, coloquial. As suas histórias são as do cotidiano, os pequenos dramas, as angústias, a solidão, e percebemos logo, em qualquer dos seus trabalhos, a marca do escritor que se inicia com as amplas possibilidades de uma obra literária a realizar. E, coisa difícil de se ver, já começa com uma linguagem pessoal, segura e firme, com invenções sintáticas aceitáveis, de tal modo se incorporam e se adaptam ao seu estilo. Se esse prêmio tão controvertido não o prejudicar, dele ainda teremos melhores coisas."

(Santos Moraes, *Jornal do Commercio, Rio de Janeiro*, 27 ago. 1967)



"Um velho escritor estava certo de que ganharia o Prêmio Nacional de Ficção de 1967, instituído pela Prefeitura de Brasília. Quando soube que o vencedor era um mineiro de 24 anos, desabafou, mal humorado: 'Agora a política é esta: dão prêmio a bebês saídos do jardim da infância e esquecem os verdadeiros valores.'

Luiz Vilela, que ganhou o prêmio com *Tremor de Terra*, um livro de contos, é funcionário burocrático da Universidade de Minas Gerais. Fala pouco, menos sobre literatura. Conhece todas as experiências literárias importantes dos últimos tempos, e não nega as influências de Hemingway, Carlos Drummond, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, James Joyce, Salinger e Dalton Trevisan."

(*Realidade, edição especial: a juventude brasileira hoje, São Paulo, set. 1967*)

*

"O comum não comum, redescoberto pelas palavras equilibradas do escritor, que se apresenta maduro em sua estreia literária."

(*Miguel Jorge, Folha de Goiaz, Goiânia, 3 set. 1967*)

*

"O acontecimento da vida dos simples, vidas comumente incolores, a não ser tingidas pela tragédia, encontra em Luiz Vilela um excelente narrador."

(*Geraldo Carvalho, A Imprensa, João Pessoa, 5 set. 1967*)

*

"A premiação (Concurso Nacional de Ficção de Brasília) de um talento como Luiz Vilela abre perspectivas novas para uma geração também nova, da qual ele é o mais significativo representante em prosa."

(*Walmir Ayala, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 set. 1967*)

*

"Surpresa agradável para mim foi Luiz Vilela, que, de repente, saltou para um prêmio nacional merecido."

(*Affonso Romano de Sant'Anna, entrevista, Suplemento Literário do Minas Gerais, Belo Horizonte, 9 set. 1967*)

*

"Seria talvez mesmo necessário dizer que depois de Rubem Fonseca (1963), nenhum contista brasileiro se apresentou ao público com tamanho domínio da expressão - e trazendo ao mesmo tempo tal certeza ficcional."

(*José Edson Gomes, Suplemento do Livro, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 set. 1967*)



"Lançado inicialmente em Belo Horizonte, onde o autor reside, numa edição modesta, sem grandes recursos gráficos, o livro de Vilela encontrou na compreensão e no entusiasmo de Ruy Carvalho o destino metropolitano que reclamava pela sua qualidade."

(*Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 set. 1967*)

*

"Li os contos do homem. É bom sim. Leitores da flor dos Ponte Preta: prestem atenção num contista mineiro recém-lançado. O nome dele é Luiz Vilela e do seu livro é *Tremor de Terra*."

(*Stanislaw Ponte Preta, Última Hora, Rio de Janeiro, 29 set. 1967*)

*

"Os contos de Luiz Vilela enfeixados em *Tremor de Terra* denotam uma preocupação de crítica sutil ao que se pode chamar de 'mineirismo', tendo recebido os maiores elogios dos 'experts'. Sai agora em edição de âmbito nacional da Lidador."

(*Tarcísio Bueno, Diário de Minas, Belo Horizonte, 6 out. 1967*)

*

"A impressão que resta da leitura do livro é a de um mundo absurdo, mas tranquilamente absurdo, como se outra coisa não pudesse ser e não se esperasse que fosse."

(*Maria Lúcia Torres Lepecki, Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, 21 out. 1967*)

*

"Nos 20 contos do presente volume, Luiz Vilela aborda problemas com os quais nos deparamos todo dia, e os descreve de tal maneira, que nos dá a impressão de já os termos vivido alguma vez. Quem já não se defrontou com o formalismo da confissão católica, ou com a tranquila indiferença de um júri, com a solidão ou a procura do amor. Tudo isso Vilela nos apresenta, sem apontar soluções ou saídas, mas de maneira a comprometer e obrigar a pensar e participar dos problemas."

(*Sol, Belo Horizonte, 24 out. 1967*)

*

Tremor de Terra, este conjunto de esplêndidas estórias curtas de Vilela, deve ser lido."

(*Angelo Oswaldo, Diário de Minas, Belo Horizonte, 29/30 out. 1967*)



"Luiz Vilela conseguiu realizar uma obra que impõe, ao primeiro contato, um escritor que tem estórias para contar e sabe fazê-lo de maneira nova e atrevida."

(Rodrigues Marques, Suplemento do Livro do Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 nov. 1967)

*

"Há um excelente grupo de moços que já nos mostraram o quanto valem. Na ficção, por exemplo, Luiz Vilela obteve um grande prêmio literário, em Brasília, com seu livro 'Tremor de Terra'; o grande prêmio 'Walmap 67' foi também conquistado por um mineiro, Oswaldo França Júnior com o romance *Jorge, um Brasileiro*."

(Emílio Moura, entrevista, Sol, Belo Horizonte, 21 nov. 1967)

*

"A geração dos vinte anos também venceu em Brasília, quando demos o prêmio a Luiz Vilela, e o romancista José Geraldo Vieira, num gesto que me surpreendeu e me magoou, não aceitou o resultado e sugeriu, com uma ironia supérflua, que fôramos buscar seu vencedor numa creche. A mágoa veio sobretudo da decepção de ver um homem inteligente e culturalmente amplo, glória indiscutível do romance brasileiro, não perceber que a literatura é uma força em movimento (como a música popular, a pintura, o teatro) e que os mais novos empurram implacavelmente os mais velhos para a história ou para o lixo."

(Fausto Cunha, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 dez. 1967)

*

"O mineiro Luiz Vilela, 24 anos e um futuro mais do que promissor, viu reconhecidos os méritos do seu Tremor de Terra."

(Suplemento do Livro do Jornal do Brasil, 16 dez. 1967)

*

"Enquanto isso, Luiz Vilela, um estreante, conquistava um prêmio nacional, por ocasião do encontro Nacional de Escritores, em Brasília. É a vez dos novos que chegava, nesta nação jovem."

(Fábio Lucas, Jornal de Letras, Rio de Janeiro, fev./mar. 1968)

*

"Se a láurea de Brasília salutarmente deixou de ser um instrumento de consagração para transformar-se em veículo revelador, nem por isso se suponha ter havido nela o simples bafejo do estímulo. Vocação de criador, é já Luiz



Vilela um escritor completo, com a marca vivencial, o poder de comunicação e o domínio instrumental que se lhe poderiam exigir."

(Darcy Damasceno, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 31 mar. 1968)

*

"*Tremor de Terra*, livro premiado em Brasília por uma comissão que não se deixou intimidar por nomes famosos e onipresentes."

(Fausto Cunha, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28 abr. 1968)

*

"É um escritor. Atingiu pontos que muitos tentam durante toda a vida e não conseguem — é o caso dos diálogos, ponto alto e característico de sua maneira de escrever."

(José Renato Pimentel, Suplemento Literário do Minas Gerais, 29 jun. 1968)

*

"Sua arte nada tem de óbvio, surpreendendo pelas soluções encontradas, pela linguagem sintética, capaz de desenhar em curto espaço o contorno geral da história, sem menosprezar a sutileza, certos detalhes mínimos mas importantes. Conhece muito bem a força e os limites do conto, velhos e novos modelos, para poder determinar o essencial e não se perder em veleidades de principiante."

(Carlos Jorge Appel, Caderno de Sábado, Correio do Povo, Porto Alegre, 6 jul. 1968)

*

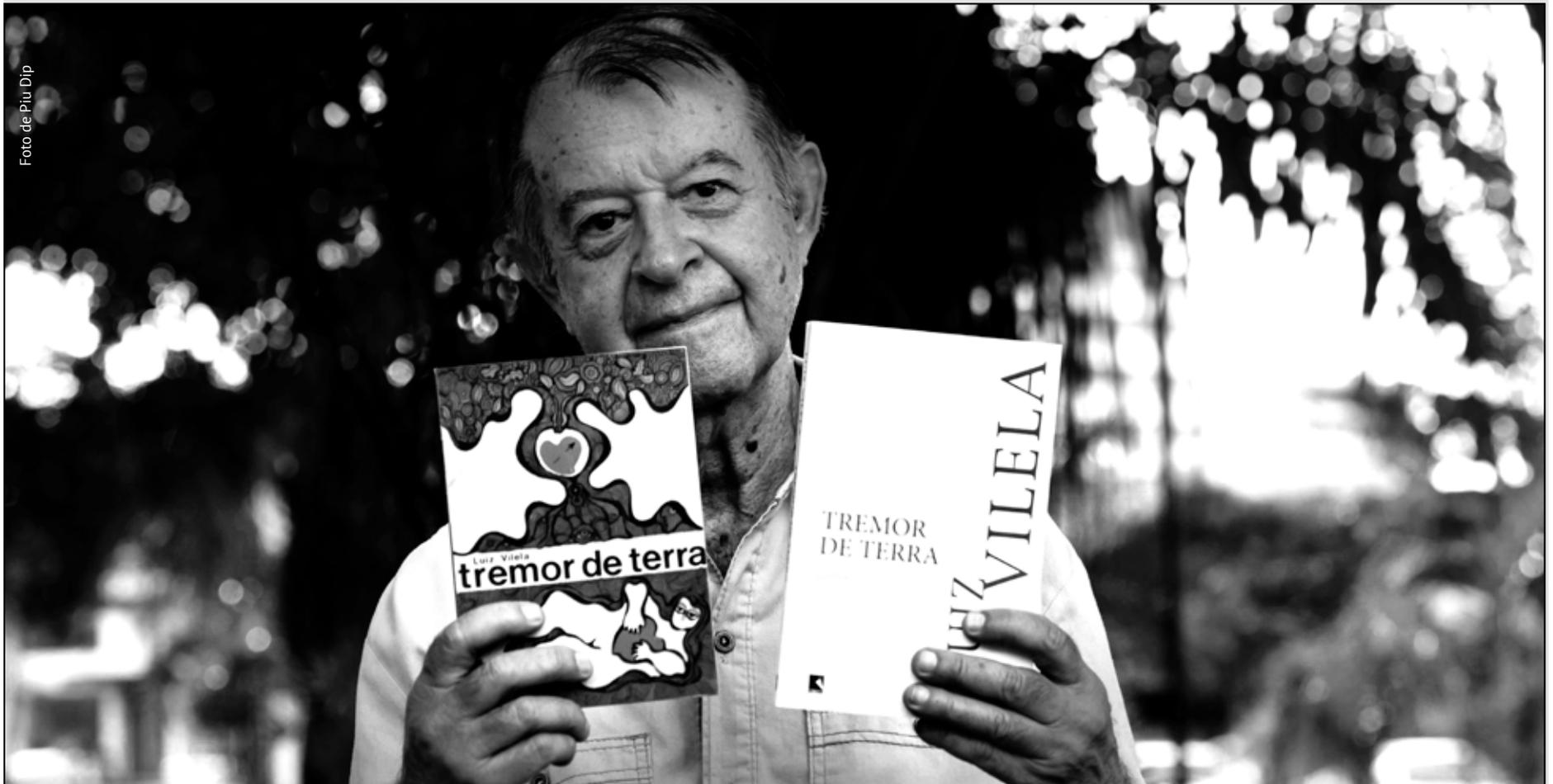
"Nascido em Minas Gerais há 25 anos, Luiz Vilela, que é formado em Filosofia, foi no ano passado a grande revelação da ficção brasileira ao conquistar como seu livro de contos *Tremor de Terra* o prêmio nacional de ficção 'Prefeitura do Distrito Federal'. Na linha de Dalton Trevisan, mas interessado numa exploração da realidade mais extensa que a do autor de *O Vampiro de Curitiba*, Luiz Vilela conhece todos os grandes segredos da arte difícil de contar um conto, arte que aliás praticava já com brilho na revista de que foi um dos fundadores: *Estória*."

(Arnaldo Saraiva, Jornal do Fundão, Portugal, 1968)

*

"Vilela não é intelectualizado, nem retorcido, escreve em linguagem direta, simples, sem psicologismos fáceis e com uma enorme capacidade de transmitir essa coisa essencial (e tão difícil de fazer) que é: gente vivendo."

(Clara Maduro, O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 26 jun. 1969)



Luiz Vilela em foto recente, em Ituiutaba, com a 1ª e a 10ª edição de *Tremor de Terra*.

"A temática de Luiz Vilela nesse primeiro livro já consagrado se fundamenta no drama existencial, que culmina na metamorfose do homem nostálgico de suas origens, concretizada através do símbolo do tatu nas mais artisticamente realizadas páginas do livro."

(*Maria Luiza Ramos, A Fenomenologia da Obra Literária, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro/São Paulo, 1969*)

*

"Seus contos trazem profunda significação filosófica, apanham o homem mutilado pela sua incapacidade de comunicar-se. Os seres não transmitem a sua essência e sofrem, arruinam-se. A palavra torna-se um veículo imperfeito e enganador."

(*Fábio Lucas, O Caráter Social da Literatura Brasileira, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970*)

*

"Foi assim que Luiz Vilela se viu, subitamente, lançado no cenário das letras nacionais. Após o prêmio, houve logo muitas propostas de editores, que queriam fazer uma outra edição de *Tremor de Terra*, para lançamento em escala nacional. O livro foi então reeditado pela Lido, do Rio. O sucesso foi imediato, de crítica e de público. E não podia ser de outra forma. *Tremor de Terra* provocava um duplo impacto. Além de sua qualidade como obra em si, o livro revelava um jovem escritor, com admiráveis qualidades de ficcionista e estilista. Poucos escritores podem dizer, hoje, no Brasil, que tiveram uma estreia tão auspiciosa como a de Luiz Vilela. *Tremor de Terra* é bom do começo ao fim. Não há um único conto que se possa dizer que não seja de boa qualidade, mas há alguns que podem, perfeitamente, figurar numa antologia dos melhores contos da moderna literatura brasileira."

(*Correio da Manhã, 3 dez. 1971*)

4 POEMAS DE VERA CASA NOVA

POEMA 1

Sobre o olhar da menina imigrante.
Teus olhos verdes dizem o desespero,
A esperança de uma Terra sem guerra.
Pobre menina!
Nem pai nem mãe podem te dar alento.
Fogem como tu desse deserto de almas
Fogem como tu dessa secura do tiro, da bomba
Da intolerância por causa de deuses e do ouro.
Roubam teus preciosos olhos e te calam.

POEMA 4

Ao menino morto, lembrando Pasolini

SOL brilhante. Na areia
O mar se despede.
Menino morto
Pedaço de jornal recortado, turco ou sírio?
A cor da pele não tem mais brilho
Notícia de lamento.
Lembro-me de ti, hoje.

POEMA 2

Resta o corpo do menino.
O mar chora
A partida de um barco que não retornará jamais.
Teu corpo jaz sobre a areia de um mar que não te pariu
Milhares...serão milhões de seres à procura de paz.
Será que ela existe? Perguntarão a seus deuses.
Com as armas nas mãos do terror
A vida à deriva
A morte cada vez mais forte.
Esse é um poema sem metáforas, sem alegorias
É um poema diante da dor do mundo.

POEMA 3

É preciso amar pedras e águas
beijar cada folha de mangueira ou cacto espinhento
Amar o animado e a música de seu canto
Alua o sol que deixa as sombras no movimento erótico da natureza
É preciso olhar a vida delicadamente entre fulgore e alegrias
A poesia é isso: você é a medida de todas as coisas



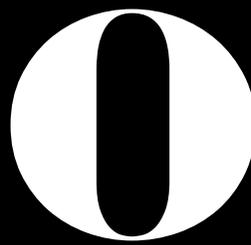
Carlos Wolney

VERA CASA NOVA

é carioca, mas mineira desde 1978. Publicou, entre outros livros, os poemas de *Textos impuros: Lucia Rosas*, *Corpos seriais* (com Marcelo Kraiser), *Elipses* (com Flavio Boaventura) e *Rastros e Restos* (Editora 7Letras).

SILÊNCIO SA

CONTO DE PATRÍCIA MAÊS



recomendado pelo pedreiro que faz a manutenção dessas coisas no edifício é mudança no banho. A hidromassagem vaza e o apartamento logo abaixo recebe infiltração em forma de uma enorme mancha escura por todo o teto. Será necessária a total remoção da banheira para se consertar o que fez a água escoar para onde não deveria.

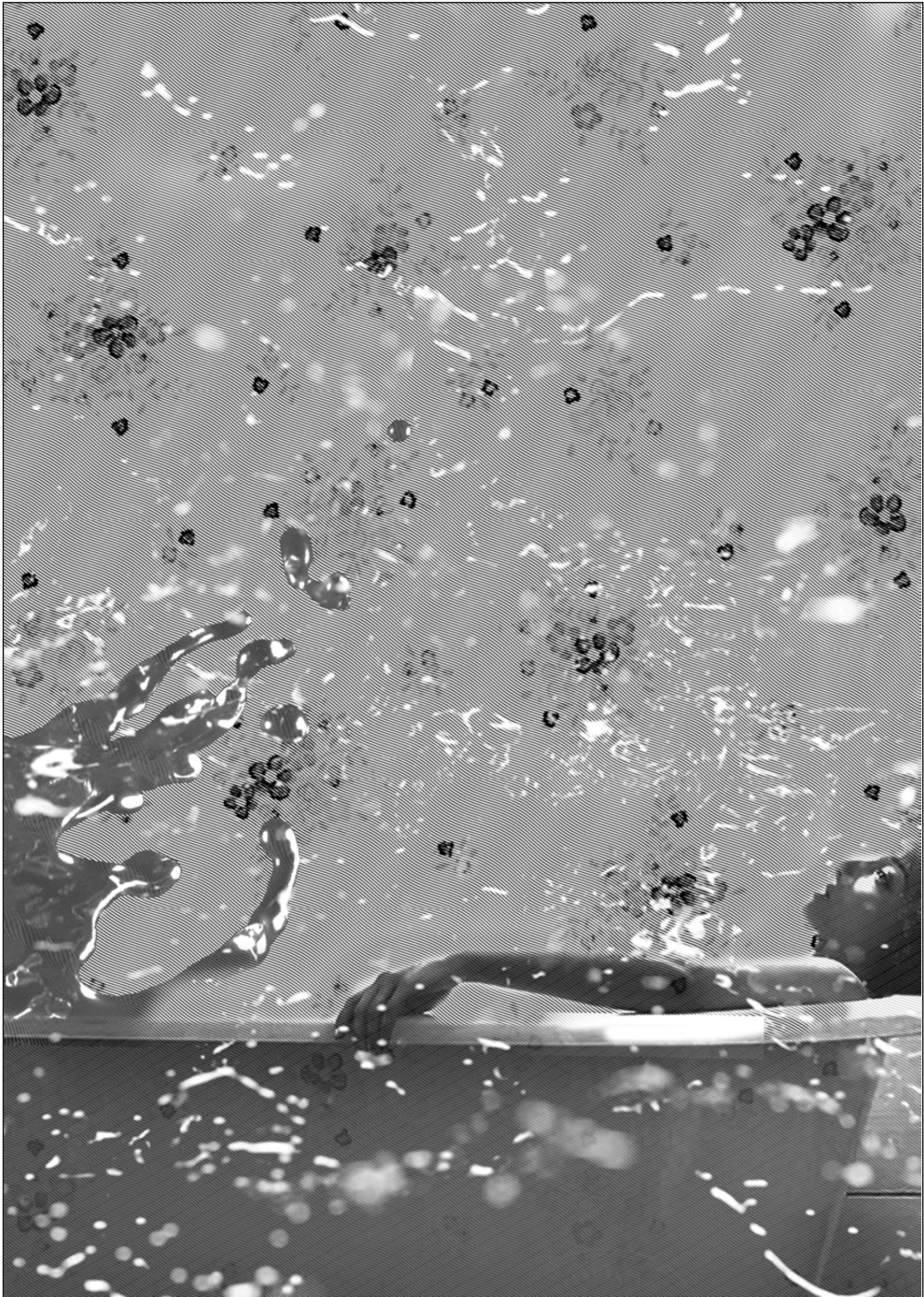
Mas ela não tem dinheiro. A aposentadoria precoce, devido a um problema sério de saúde, não lhe garantiu receber quantia justa, e no meio de tanta perturbação na hora dos acordos para que esses trâmites fossem encerrados de uma vez por todas, ela achou por bem não reclamar de nada e se contentar com o estabelecido.

A reforma está fora de alcance. E isso muda não apenas os banhos, mas a sua principal atividade. Há exatos nove meses, a chama de ser um bicho social se apagou dentro dela, e desse modo lá se foi a vontade de ser vista ou necessária. Viver o silêncio em um mundo observado apenas pela janela ficou sendo a melhor opção. E ela encarou como trabalho, fez isso para sentir-se dona de um projeto de vida, coisa que justificaria a reclusão e a pouparia, sobretudo, de questionar o medo dos novos estímulos. Pensou nos artistas que escolhiam o isolamento como condição primeira para chegar em realização e dignidade. E ela era digna com toda a quietude, não ajudava em nada, mas não fazia mal a ninguém, não incomodava e nem divergia. Como isso era bem vindo. Estar no mundo da forma mais delicada, não pertencer a ele ostensivamente, querendo coisas, engendrando mudanças. Nunca mais, nada disso. Ela só queria dar paz e receber indiferença, aquela que nunca a cobraria de ter um pouco mais ou de parecer adequada. Estava, inclusive, ficando antiga, as roupas tratadas com carinho para que demorassem a envelhecer, ficando inevitavelmente fora de moda. Mas não ligar era parte importante do desprendimento.

E foi quando assumiu a nova condição, a não dependência de aprovação, que resolveu ter um luxo e saber chamar a isso de prazer. Mandou instalar o pocinho com jatinhos de água provedores do relaxamento e então a brincadeira da vida ainda não havia acabado de todo. Duas vezes ao dia, se despia e entrava no particular recanto de não dar satisfações a ninguém. Os momentos na água seriam as sagradas horas de desfrutar ser ela mesma sem aqueles receios habituais, como quando pensava em ir à rua fazer compras. Com isso gastava também menos dinheiro, porque encontrou um divertimento ali no lugar mais escondido da casa, o banheiro, bolha de indiscutível confiabilidade, onde nada escoava da pouca renda, nada era cobrado de seu tempo de fazer só o que quisesse.

No fim da tarde, quando já começava a escurecer dentro da sala de banho e esconderijo, a água parecia mais interessante. A hidromassagem era desligada e o silêncio só se quebrava com pequenos pingos, gotas diminutas, frágeis como ela mesma se via. E aí então não estava mais só em seu pequeno estar, cuidando para ocupar espaço de maneira miúda.

Mas a paz aquática estava agora ameaçada. O pedreiro dizendo que essa e aquela torneira não deveriam ser abertas jamais. E quando



Sebastião Miguel



o homem saiu do apartamento ela se viu com o problema: o que será de meus momentos? Transitou entre os quartos e a sala por horas, refazendo contas mentalmente, até ter certeza de que as finanças não comportavam o que lhe estava sendo proposto. Teria de voltar aos banhos comuns, sem os jatinhos e bolhinhas com sons de natureza. Tudo bem, repetia, e chegou a dizer em voz alta, no tom de resignação completa.

No chá das três, pensou que seria o momento de submergir. Lembrou que vez ou outra até levava a xícara para a banheira. E lá ficava, beneficiando-se dos aromas misturados, água pura, límpida, e o chá. Erva cidreira, doce, camomila, tudo sempre calmante. Mas agora não mais a imersão, não mais o outro mundo onde os medos se molham e dissolvem escorrendo no vapor do azulejo. Bom mesmo era estar envolta no líquido quente, a água na pele que nem carinho mais espera.

Os azulejos estampados de verde musgo com pinceladas de rosa pálido são muito reconfortantes. Folhagens sobem pelas paredes com singelas florzinhas que dizem muito do novo estilo discreto, e do tipo que, mal se viu, já se esvai. São flores nu-bladas e derretidas, cores que nunca agridem.

E então o chá fica diferente no dia da notícia. A grande distração, afinal chamada de prazer, havia sido vetada. Restava a televisão, e era só acioná-la. Mas nada daquela chuva de cores e sons desordenados, o mau gosto das vozes como se a vida fosse só festa lhe agradava mais. Repelia tudo o que se parecesse com aquilo. Livros? Já havia experimentado mais de uma vez todos os da estante. Ginástica, talvez, mas o corpo pedia a calma dos iogues, vivida alegremente na cápsula de mergulhar. Tudo teria ido pelo ralo, tudo lhe teria sido negado por causa da mancha no banheiro alheio. Nenhum sentido.

De repente achou de grande brutalidade essa nova condição. A mulher quieta ali pouco parou nesse tempo todo até para imaginar que existia gente no andar abaixo. A aquisição da banheira era um ato lavrado de que agora ela se bastava, tanto que a mini natureza estava garantida para não precisar atravessar o caminho de mais ninguém. Assim, a razão do acontecimento lhe escapava com gravidade. E aos poucos foi se tornando inconformada.

No dia seguinte se conteve triste nas horas do tradicional descanso. Olhou as paredes da cozinha e leu o folheto de ofertas deixado na soleira da porta. Nem o chá tinha muito sabor, em tudo faltava aquela energia que ainda a fazia pensar em ser alguém. Dessa forma, sem objetivo de agrado nos dias, ela passava a se parecer cada vez mais com as flores desbotadas nas folhagens subindo pelas paredes. E visitava com frequência seu espaço sagrado, acariciava o ladrilho onde pousava a xícara

Então resolveu fingir
que não sabia de nada.
Abriu as torneiras,
encheu a banheira
e se recostou para
apreciar a madrugada
de uma noite em que
não podia dormir. Fez
isso continuamente,
certa de que nada
aconteceria, afinal, o
que uma mancha no teto
poderia denunciar era
mínimo. Se enganou.

habitualmente, vendo tudo com desgosto.

As contas eram refeitas de tempos em tempos, números no caderno fazendo o mesmo percurso, mas nada de novidades. A falta de folga nas finanças ainda não tinha lhe surpreendido como dessa vez. O comedimento era encarado sem desconforto, porque precisava cada vez menos de requintes ou mimos. Estava vivendo fase de grande satisfação e podia se dizer abastada na medida em que não esbarrava em controvérsias, e por controvérsias ela entendia qualquer contato, de qualquer espécie, com qualquer pessoa.

Tentou se instalar dentro da banheira seca para tomar o chá, imaginou no fim da tarde os pingos companheiros e cantarolou uma música apreciando o eco que ali fazia. Depois viu que não precisava de música.

Tentou de tudo, ficou nua e olhou seu corpo, imaginou que era bonita, forçou ao máximo até chegar em um prazer mísero que a fizesse lembrar da entrega ao mundo impenetrável sobre o qual ninguém jamais saberia e que nunca precisaria dividir. O mergulho era, portanto, como a liberdade, era como ter segredos a mais, como criar, como se inventar. Sem o prazer das águas ela estava enredada no universo das repetições. Tinha de ficar perambulando, o dia sem quebras de acontecimentos relevantes dividindo o tempo, dando sentido às horas de sobra ao redor.

Então resolveu fingir que não sabia de nada. Abriu as torneiras, encheu a banheira e se recostou para apreciar a madrugada de uma noite em que não podia dormir. Fez isso continuamente, certa de que nada aconteceria, afinal, o que uma mancha no teto poderia denunciar era mínimo. Se enganou.

Passou pouco tempo até que tocassem a campainha. A mulher abriu a porta assustada, não se relacionava com os moradores do prédio. O vizinho disse saber do uso da hidromassagem, porque além de ouvir o barulho da água, a mancha estava ficando mais intensa. O moço perguntou se o conserto do vazamento seria realizado e ela, tão desprevenida e sem malícia, disse a verdade, disse não ter dinheiro, esperando talvez compreensão. Percebeu que ele não podia crer em tanta simplicidade para comunicar o voluntário agravamento de um problema como aquele, e que a tratou como alguém com certa debilidade. Ela preferiu abstrair esse detalhe sem se ofender, prometendo não fazer mais nada. Tudo para obter logo o alívio de fechar a porta e encerrar contato.

Mas nada parou. Chás e imersão, relaxamento e indiferença. As semanas passavam e ninguém se manifestava. Assim pensou em tudo finalmente definido, vizinho consciente das suas dificuldades, o mundo em concordância com o que ela podia fazer.

Mas chega a tarde de surpresa ainda pior do que o estranho à porta. No chão se via uma poça de água escura, água brotando de todos os cantos daquelas paredes de folhagens tão tranquilas. O líquido quase negro era espesso, tinha aspecto viscoso e começava a exalar cheiro estranho. Curiosamente passou a achar a banheira um cubículo pequeno demais. Ela queria sair dali e não conseguia, porque pisar naquele mistério seria impossível. A campainha e o telefone tocavam ao mesmo tempo, quando então viu tudo fora de controle.

Venceu a aflição do lodo, vestiu o primeiro vestido que viu pela frente, e, ainda molhada, abriu a porta. O telefone explodia, e no corredor do prédio várias pessoas a olhavam indignadas. Parecia que o vazamento tinha tomado proporções assustadoras, um cano havia se rompido e a água escura escorria pelas paredes de vários dos apartamentos. E não era o caso de se explicar, afinal fora pega no pulo, molhada e recém saída do banho causador da encrenca.

Depois de longos minutos de mal estar, sem poder se defender, chegou finalmente a hora de se recolher e planejar como limpar tudo aquilo. A banheira estava cheia, o chão alagado, a sujeira vazando para o quarto, corredor, tomando a casa.

Ficou sem ação. A campainha tocou novamente, dessa vez com gente querendo olhar o estrago, oferecendo o que deveria soar como ajuda, mas que soou muito mais como intromissão. Estavam todos loucos para ver a casa da reclusa misteriosa.

Ela disse não à expectativa geral, e a insistência de todo o prédio se juntava à dela mesma em não saber o primeiro passo para começar a organizar-se.

Até que quis voltar à proteção, na hora em que o barulho das chamadas era um só grito sufocante. Passou dessa vez pela sujeira já sem nojo, não sentindo nada. E aí percebeu os sons cessando subitamente. Viu a xícara de chá esperando com o líquido frio, o próprio tanque todo frio. Como poderia ter se esquecido? Entrou novamente no banho, suspirou relaxada e abriu as torneiras todas. Viu a água transbordando, o calor voltando, e não ligou. Continuou bebendo tranquila, até que ouviu o estrondo vindo da sala e atinou na hora que era a porta sendo arrombada. O máximo que conseguiu foi no ímpeto do desagrado atirar a xícara na parede, mas logo retomou a calma.

O homem da manutenção apareceu e a encontrou inerte, olhar fixo para os azulejos. Constrangido, chamou várias vezes, mas não ouviu resposta.

Nesse dia, durante toda a tarde, o apartamento foi visitado pelo edifício inteiro, o recôndito sendo espiado por cada morador, todos em fila indiana no corredor dos quartos, muita organização e atenção para a apreciação da exposição. Ela era parte de inédita instalação, que atraía expectadores sedentos e curiosos com o que essa mulher tão calada, pode ter de mais secreto.

Os olhares eram cheios de significados, mas ela escolhia não encarar para não ter de classificar. Sabia só da pura e insensível curiosidade, morbidez exposta ali como socialmente aceitável, tentação de invadir e deixar escancarado que viver em reclusão não poderia ficar por isso

mesmo. Nunca. Não neste mundo de gente normal pedindo relações, exigindo que sejamos todos razoáveis na boa vontade de participar.

A fila andava vagarosa e a estátua inerte se fixava nas flores cor de rosa, ainda de alguma forma imbuída de espírito estoico, sem baixar a cabeça, mas também sem reflexo para se cobrir. Ela se protegia, mas sabia que o fazia de um jeito incompleto. E de qualquer forma nada mais contava, a bolha havia sido estourada, o invólucro protetor das questões mais mundanas rompido para nunca mais voltar a ser o mesmo. Nem que ganhasse o dinheiro necessário para comprar outra banheira, reformar a casa toda, e nem se com isso ela ganhasse mais conforto. Agora era mesmo tudo pelo chão, junto com a água preta.

A vida ali já não era nada. O que lhe parecia ser o acabado de antes se tornava aos poucos o oposto da não vida deflagrada nesse dia, resultado do contato brusco com a desenfreada falta de comedimento do universo. Há nove meses ela quis dar seu último basta e agora via o nascimento da monstruosidade tão temida. Atirar aquele objeto na parede ilustrava o que já podia suspeitar de todo o esgotamento, passageiro frequente nos dias, e então tal sentimento assumia outra importância nessa hora.

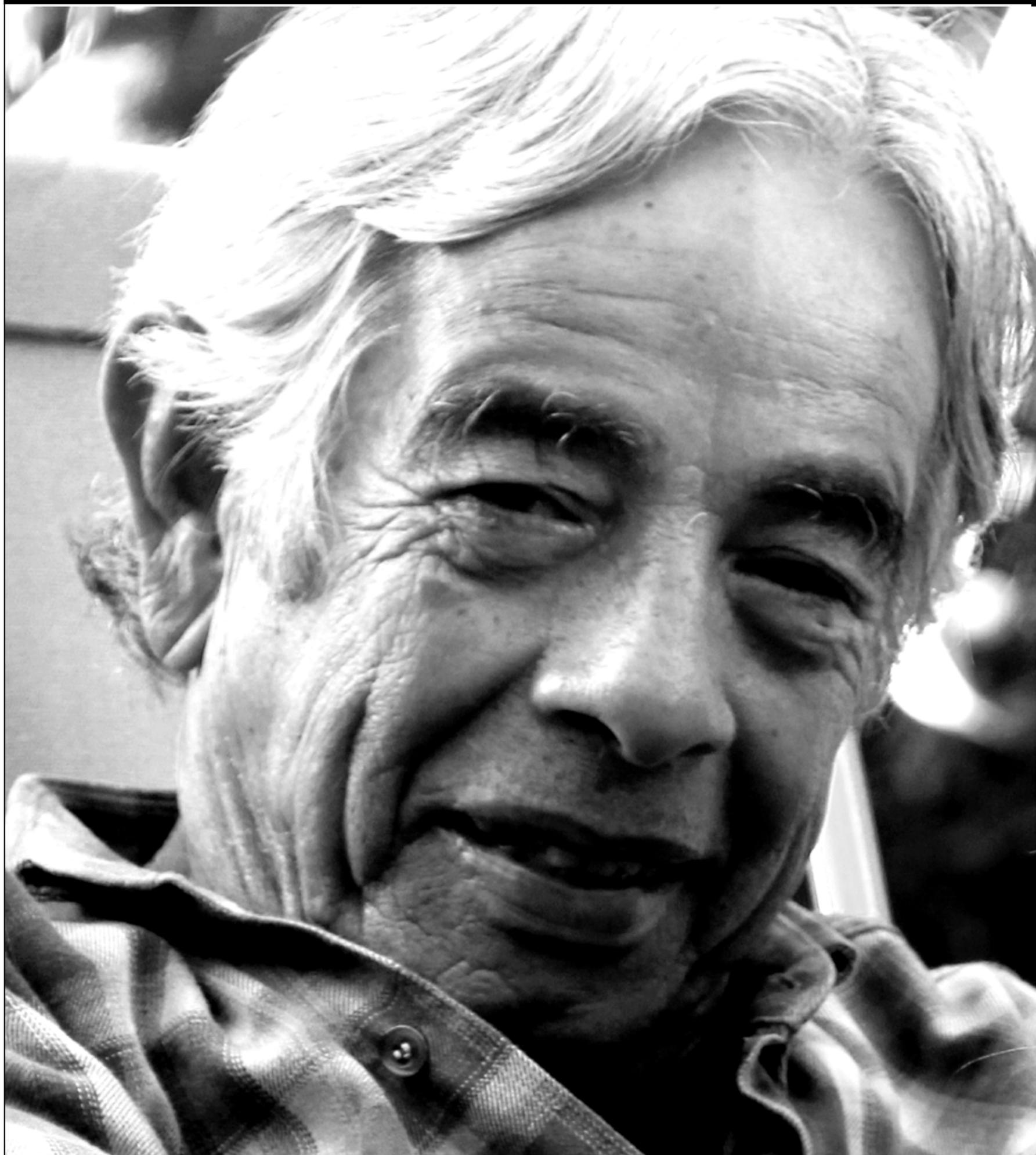
Só quando escureceu a visitação parou. No anoitecer, saiu enfim do encantamento sobre o qual não havia mais nada que pretendesse compreender. Conseguiu levantar, deixar o poço gelado e alcançar a toalha, enrolar o corpo que já havia sido parte das coisas que guardaria do mundo. Cobriu-se mesmo sabendo que nunca mais deixaria de estar exposta. Suspirou sem sentimentos, e como se fosse nada, colheu os cacos da xícara quebrada há horas. Seus cabelos voaram sobre o rosto, e como gesto natural fechou a janela deixada aberta. Era tudo inútil, já que sabia que nunca mais pararia de sentir o frio.

A água no chão permanecia. Escura, difícil, errada. Mas a água estava ao menos silenciosa.

PATRÍCIA MAÊS

paulistana, é atriz, dramaturga e escritora, autora do livro de contos *O céu é meu* (2013) e do romance *Tempos de Olívia* (2016), ambos pela Editora Cubzac.

RETRATO DE UM POETA



EM VINTE PERGUNTAS

RICARDO LIMA ENTREVISTA LEONARDO FRÓES

Quem conhece Leonardo Fróes o reconhece na sua poesia e reconhece sua pessoa e sua poesia nas respostas para uma simples entrevista, no jeito observador-curioso com que anda pela rua enganosamente distraído, no sorriso largo que joga o corpo para trás enquanto diz “caramba” brindando à alegria.

Com trajeto rebelde e a nos dizer que é preciso “inventar para Deus um nome novo”, Leonardo traçou um caminho singular e discreto, construindo uma obra honesta, com seriedade e talento. Com o silêncio do homem e o ruído da floresta que abraça sua natureza, sua poesia, há muito reconhecida (Prêmio Jabuti 1996), tem sido republicada, estudada na universidade e ele tem sido convidado para os principais eventos literários do país, como a Flip, em Paraty – em participação ovacionada pelo público. Podemos dizer que caiu na rede e nas graças das novas gerações.

Aos 76 anos, vivendo – há décadas – com a companheira Regina entre sua casa em Petrópolis e o sítio em Secretário, permanece um menino mestiço maroto, cheio de coerência, de delicadeza, de luz. Em outubro de 2017 estive na festa literária Flipside, em Snap Maltings, Inglaterra, e muito mais gente teve o privilégio de ver o que nós, privilegiados, já sabemos há tanto tempo: sua poesia traz a natureza, a fábula, o lírico..., na sua versão mais simples e mais sofisticada. A seguir, um breve retrato, em vinte perguntas, com respostas que nos apresentam o ser humano na sua versão mais simples e mais sofisticada.

Quais as duas ou três imagens que vêm à sua mente ao ouvir a palavra Itaperuna?

As imagens de Ita-pê-una, o Caminho da Pedra Preta, como os índios diziam, são mais do que quatro ou cinco. Foram escritas no poema “Marca-tempo”, incluído no meu livro *Argumentos invisíveis* (Rocco, 1995), que aqui reproduzo:

“Carbureto bicicleta barracão de ferragens footing aos domingos domingueiras dançantes lança-perfume lençinho campo de aviação cemitério mulas na calçada paralelepípedo pão na padaria da ponte o poente no rio águas encachoeiradas batendo picolé de coco cocada na porta do cinema filme de mocinho alma e coração de mocinho cavalo imaginário correndo trem chegando gente conversando em rodinhas pente preto no bolso cabelo curto rio longo rio para todos os lados ruas de poeira pura carros de aluguel sonolentos caminhões encostados desolados hotéis pastéis deliciosos lojas de fazendas barbearias bares com ventiladores no teto

intimidade com doceiras doces cristalizados ótimos casamentos carnavais batizados cafezais milharais canaviais carambola caramelo grude máquina de costura cosendo alfinetes no chão primeiros passos primeiras insinuações de soltura papagaios no céu tambores biscoitos aymorés pombos voando índios goytacazes palmeiras botes balançando no rio tombos imprevidentes namoros tão delicados e tão dilacerantes dor de dente.”

Quais as três ou quatro palavras que resumiriam seus pais?

Carinho. Compreensão. Doçura. Solidariedade. A infinita gratidão que sinto por tudo que eles fizeram por mim, dando rédeas para a minha natureza desabrochar.

Quais os quatro ou cinco professores que você não esquece?

A suave e risonha Dona Isaura, no último ano do primário, no Rio, que me ensinou a ser cordial, a prestar atenção no que me dizem e a não ter medo de falar em público. O rigoroso Carlos Henrique da Rocha Lima e o boa-praça Leônidas Sobriño Porto, que me ensinaram português literário no Colégio Pedro II. O elegante Abelardo Zaluar, que me ensinou a desenvolver a visão na Escola Nacional de Belas Artes.

Quais as cinco ou seis crianças que você viu envelhecer?

Minha irmã e meu irmão mais velhos. Minhas primas queridas. Dois colegas do Pedro II com os quais ainda me encontro, de vez em quando, para um almoço entre amigos. Nós nos conhecemos no internato, por volta dos onze, doze anos. Morávamos juntos, só indo para casa nos fins de semana. A vida nos levou por diferentes caminhos, mas até hoje temos prazer em nos rever.

Quais as três ou cinco escolas que atravessaram seu caminho?

As que mencionei antes, todas no Rio e públicas: A Escola Municipal Quintino Bocaiúva, o Colégio Pedro II e a Escola Nacional de Belas Artes. Mas também uma quarta, o Grupo Escolar 10 de Maio, em Itaperuna, onde fui alfabetizado.

Quais as duas ou nove pragas que você ousaria jogar no poeta?

Coragem. Independência. Franqueza. Paciência. Obstinação. Tesão. Resistência. Liberdade.

Qual a meia dúzia de poetas que fizeram sua cabeça desde cedo?

Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Fagundes Varela, Jorge de Lima, Joaquim Cardozo, João Cabral... Depois, vários poetas de outras línguas.

Quais as seis ou sete frases que você desfiaria para resumir sua trajetória?

Levei um susto quando, na adolescência, descobri que eu era ou queria ser poeta e que nada mais me interessava muito a fundo. Não me atrevi a contar para o meu pai, mas disse para a minha mãe, sabendo que ela passaria o recado e eles conversariam sobre o assunto. Pouco depois, de fato, a mãe me comunicou: “Tudo bem, meu filho, nós só queremos que você seja feliz”. Todo o resto, transposta essa barreira, tornou-se muito mais fácil e eu me enchi de coragem para enfrentar as seguintes.

Quais as três ou oito desculpas que você daria para explicar uma tradução?

Apenas uma: a tradução é um produto novo, algo que não existia antes, embora a fonte da qual ela provém inevitavelmente a limite nos seus contornos gerais. Muitas vezes me senti, ao traduzir, como um instrumentista a interpretar a partitura de uma música, no meu caso o original na língua de partida. Ou então como um gravador antigo a copiar no metal, em preto e branco, as telas multicoloridas dos grandes mestres da pintura.

Quais os dois ou cinco piores empregos que você já teve?

Só tive emprego quando não havia outro jeito. Nunca gostei. Sempre preferi atuar como free-lance, sem ter de me adaptar às normas dos locais de trabalho. Nos empregos, sendo meio rebelde, eu corria o risco de criar encrenca, o que de fato não deixou de acontecer em certas situações.

Quais as quatro ou seis asneiras atuais que chegam a encher o seu saco?

Já não costumo encher o saco, meu nível de tolerância aumentou muito com a idade. Mas há asneiras que ainda tenho dificuldade em digerir, como a ostentação e a arrogância. São tão maléficas à vida em comum quanto todos os tipos de preconceito.

Quais os dez ou cem piores políticos da atualidade?

A política é uma arte safada. Quase todos que a praticam, como se a política fosse uma profissão lucrativa, e não uma questão social a ser resolvida em público, parecem-me bonecos infláveis que facilmente são enchidos pelo vento das vaidades mais tolas. Citar nomes seria atribuir alguma importância a essa classe tão despreparada para gerir os destinos de um país ou do mundo. Tudo indica que os políticos profissionais são pessoas que se levam muito a sério, e isso, para quem tem um pingão de bom senso, não é um traço positivo para o desenvolvimento harmonioso das personalidades humanas.

Quais os dois ou doze escritores que você não conheceu, mas gostaria de ter conhecido?

Nunca pensei a esse respeito. Como sempre estou conhecendo novos autores, vivos ou mortos, através do que eles escreveram, não experimento nenhum vazão quanto a isso.

Quais as primeiras lembranças que você tem da Regina?

Um vestido que eu pensei ser amarelo, mas que ela diz que era de outra cor. Um rosto lindo, um sorriso que eu nunca tinha visto. O charme, a segurança e a inteligência de uma mulher delicada.

Quais os três ou quatro suspiros que desenhariam seus filhos?

São filhos maravilhosos, mas nunca achei que fossem “meus”, nunca os tomei por objetos sobre os quais eu tivesse algum direito de posse. Apenas tentei colaborar, dentro dos meus limites, para que a natureza de cada um florescesse, fazendo o mesmo que os meus pais haviam feito comigo.

Quais as sete ou nove sinucas em que a vida já te colocou?

Como foram muitas, conto só uma que achei engraçada. Viajando pela Grã-Bretanha, com vinte e três anos, peguei um trem em Edimburgo para Manchester. Mas eu não tinha o que fazer em Manchester, onde apenas pretendia tomar outra condução para Chester, a cidade que eu queria conhecer e é linda. Tarde da noite, o trem parou na estação final e saltei. Ao sair da plataforma, um funcionário fardado recolhia as passagens. Na minha vez, ele me barrou. Disse que ali era Liverpool, que a certa altura da viagem eu deveria ter trocado de carro, já que estava indo para Manchester. As duas cidades são bem próximas. Em vão expliquei ao homem que para mim dava na mesma, que eu tanto poderia ficar em Liverpool quanto em Manchester, pois no dia seguinte seguiria para Chester. Eu estava doido para encontrar lugares onde comer e dormir, mas não houve jeito. Deu sinuca de bico. Educada e britanicamente, o funcionário me fez entrar em outro trem que ia para Manchester, deixando claro que seria um absurdo, já que o meu destino era esse, eu pernoitar em Liverpool.

Quais os seis ou oito lugares do planeta que você não foi, mas gostaria de ter ido?

Fui a tantos, que já me dou por satisfeito. Não tenho a menor nostalgia de não ter ido a tantos outros. Provavelmente tenho estado, por imposição do destino, nos lugares determinantes para minha formação e prazer.

Quais os três ou vinte socorros de que o planeta precisa urgentemente?

Diminuir a desigualdade social. Fazer as pazes entre os partidários de Deus e, para evitar novas desavenças, inventar para Deus um nome novo, que não cause tanta celeuma. Refinar cada vez mais os níveis de sensibilidade e emoção. Como já sugeri três, proponho que outros sugiram os dezessete restantes. No momento atual, nada mais oportuno do que um consenso, tendo em vista a urgência da tarefa.

Quais as duas ou dez atitudes do homem que permitem continuarmos acreditando?

A capacidade de ser simples, de admitir que a gente erra, de tentar consertar os erros, de respeitar os outros, incluídos entre eles os seres não humanos, de estender a mão a quem estiver passando aperto, de reconhecer que as pessoas se equivalem e de que sempre em qualquer uma pode haver zonas de interesse para o indivíduo que nós pensamos ser. Traços assim talvez sejam comuns a toda a espécie, e a questão que se coloca é esperançosamente aperfeiçoá-los.

Quais as sete maravilhas do mundo que batem à nossa porta?

O sol, a chuva, o ar, a terra, o fogo, as estrelas e amigos/amigas.

Pedi um poema para acompanhar a entrevista. Leonardo enviou-me este, com uma historinha que vale a pena reproduzir aqui:

"(...) Foi publicado em 1981 na revista Almanak, que um grupo de poetas jovens, coordenado pelo Arnaldo Antunes, editou em SP. Como foi feito em máquina de escrever, não tirei cópia, nunca o incluí em livros meus e nem sequer me lembrava de o ter escrito. No ano passado,

Luiz Guilherme Ribeiro, que se doutorou na UFRJ, em 2016, com uma tese sobre a minha poesia, me escreveu perguntando por este "Adeus à bananeira ociosa". Como eu duvidasse de o ter escrito, ele me enviou o poema fotografado na tal revista do Arnaldo. Mostrou-se pois grande pesquisador. E foi daí que eu recuperei o poema, que agora reconheço ser meu. (...)" (Ricardo Lima)

ADEUS À BANANEIRA OCIOSA

LEONARDO FRÓES

Eu estava plantado aqui como uma bananeira ociosa produzindo fumaça.
 Parece que a fumaça trancada não me deixava enxergar o sofrimento dos outros.
 Eu estava com a vida resolvida e marcada por hábitos tentaculares estranhos que me devoravam.
 Às vezes eu ficava um tempão virando água ou café na beira do fogão conjugal que me igualava com ela pela boca e o tempero.
 Eu tinha medo da mordida dos homens, e por isso comecei a descida pelo funil colossal da minha alma pequena.
 Eu não queria mais saber das esquinas e tinha decidido virar um tigre sem manchas, com a barba de cristal e um colarinho de ouro.
 Parece que eu estava chegando a um país oriental de mentira e maravilhas de pedra.
 Eu tinha decidido também que eu ia esfaquear uma nuvem para contemplar o mistério. Ou então que eu ia construir uma asa para viajar para o sol.
 Eu estava sentado aqui tramando coisas assim sob a figueira frondosa quando porém uma criança nasceu na minha cara e chorou.
 Eu não podia mais olhar para dentro porque a criança abagunçou minha vida.
 Eu não podia virar café nem água nem sombra porque a criança na verdade entornou o caldo dos hábitos.
 Primeiro eu perdi o peito da mãe e depois eu deslizei do nirvana para a tentação do ciúme e a banalidade das fraldas, do cheiro de bebê que entontece, das mamadeiras matinais que engatnham com sonoridades perfeitas.
 Passei um longo tempo correndo carregando no colo esse menino e o segundo.
 Perdi a consistência do sábio que eu tinha admirado produzindo minhocas de mentalidade abstrata. Ganhei em troca a sensação esquisita de estar no meio do caminho da vida sem ter porém começado.
 Parece que os meninos é que vão me ensinar como se anda outra vez, sem rejeitar o que vem quente, colorido e espantado na bandeja da hora.

RICARDO LIMA

paulista de Jardinópolis, é poeta e jornalista. Autor de *Primeiro Segundo* (Arte Pau-Brasil), *Chave de Ferrugem* (Nankin, 1999), *Cinza Ensolarada* (Azougue, 2003), *Impuro Silêncio* (Azougue, 2006), *Pétala de lamparina* (Ateliê, 2010) e *Desconhecer* (Ateliê, 2016).

POEMAS DE ANDITYAS SOARES DE MOURA



PASSARINHA ANTIGA

eu devia saber que
a personalidade é um erro,
uma devastação atômica em nossa história
de Abelardo e Heloísa
de Borges e Kodama,
de Caim e Abel
neste poema estranho e febril de
quem não escreve para seu século,
minha maldita, meu peixe, meu santo
minha ninfeta que cresceu

distantes: sinos longos no cemitério
Paddy Dignam [in paradisum]
e todas as galáxias que já não se saciam
me traem e te traem, cancelam votos, são jogadores
velhacos e experientes, hijos de puta mesmo

Descansar longe de teu sono
num artifício verbal, numa coisa
asquerosa que montei com desespero,
cheia de brechas e pontos cegos,
sentindo a beleza do enxofre
– hálito do inferno sempre azedo –
e ainda assim procurando alguma paz
– bem pouca – no te por para dormir,
no dizer que não foi nada
e que amanhã resolveremos tudo,
e que continuamos.

ANDITYAS SOARES DE MOURA

é poeta, tradutor, ensaísta e professor universitário na UFMG.

QUANDO

Vivemos na noite dos tremendos trovões
no ensino lento da pele, em surdina,
nos montes que se afastam
para descobrir o fundo verde, a caça, os lábios:

moro atrás de tudo, onde
se cheira o vinho profundo,
esse em que você me TROVÕES

... porque arranco gemidos
ancas afora, me faço sofredor TROVÕES
de febre gêmea, quero
ser escoadouro dar TROVÕES TROVÕES
de beber pras suas coxas,
ser seu devoto dragão. (ao longe TROVÕES bem longe...)

E talvez os anjos ouvissem músicas que percorressem
uma ruazinha de Ouro Preto,
músicas
que denunciasses e dissessem que estamos sozinhos,
que um amanhecer é apenas um breve sorriso.

Por isso entrego todas as minhas palavras,
me humilho, me glorifico,
deus e escravo desse som que
sai da sua boca
quando

UMA GRANDE INQUISIÇÃO

Eu quero viver essa manhã ciborgue
de mil delicadezas
e te aspirar silício, te fazer meu cilício
de pele de cabra na tela do computador.

Confessando meus pecados
na carne devoluta, castrada até o infinito,
que só se torna verdade quando cão,
galinha peixe cintilante.

os suspiros elétricos te apavoram,
te destroem naquele ritmo doce
que te lembra a infância,
te dizem coisas ao pé do ouvido
te prometem o sagrado.

Mas então você desiste
cabra auréola palavra circundante

e o mundo deveria saber que não há nada de errado nisso
ou certo.

SETE NÚMEROS

CONTOS DE RONALD POLITO

Um altruísta

O mágico estava cansado de todos os seus números, mesmo os mais inquietantes: a águia petrificada em pleno voo, espatifando-se em cocos; a naja transformada em borboleta no meio do bote sobre a plateia; a levitação de um elefante batendo cada vez mais rápido as orelhas; o sorriso da cabeça decapitada da bailarina e o corpo dançando ao seu redor. Queria um truque diferente, algo que ainda nenhum mágico havia imaginado. E foram necessários anos de experimentação até que conseguiu criar o duplo exato de si mesmo, idêntico, coincidente, igual. Num piscar de olhos, o público viu à sua frente o mágico e novamente o mágico, que, no piscar seguinte, usando um recurso dos mais comuns, fez o primeiro desaparecer.

O inimitável

Durante muitas gerações ele foi considerado o maior mágico de todos os tempos e latitudes. E era raro encontrar nos relatos sobre ele pontos em comum que explicassem tamanho magnetismo. Cada um que assistiu a seus números manifestava uma opinião completamente diferente do outro para expressar o valor de suas prestidigitações. Só muito depois de sua morte, ao encontrarem suas anotações, esclareceu-se o fato por tanto tempo incompreensível. Ele tinha apenas um truque, mas que executava com absoluta perfeição. Logo após entrar no palco, hipnotizava com tal força toda a plateia que ela ficava inteiramente sob seu comando. Quando então possibilitava que cada um imaginasse e visse com nitidez os efeitos de ilusionismo que mais desejava.

A magia

Todos iam para o circo principalmente por causa do mágico, que encantava a plateia com seus inumeráveis truques, pirâmides erguendo-se e logo dissolvidas em névoa, a levitação e o sobrevoo dos garotos da primeira fila sobre o espanto da plateia, de um jaguar pousando do salto surgir uma limusine. Mas numa noite nada deu certo. Por mais que tentasse os números mais simples, como tirar um coelho de uma cartola, não saía nada de dentro dela. Foi um longo tempo de espera, o público foi compreensivo, até incentivando-o com discrição, tal o embaraço. Enfim, ele propriamente não teve como concluir seu número, já que nenhum ocorreu. E era difícil saber como terminar sua apresentação. Mas o público o aplaudiu de pé.

Cuidado com o fogo

No palco, num grave erro de coordenação de parâmetros, afluxo de forças, instâncias chamadas à presença, o mágico não conseguiu finalizar seu número e, ao tentar mais uma última vez, com a vareta numa nervosa vibração, realizar o efeito previsto, simplesmente evaporou-se, sumiu no ar. E não voltou. Por mais que esperassem. O circo teve de prosseguir com a programação, com o diretor se desculpando rapidamente pelo contratempo. Alguma coisa de muito séria aconteceu. E absolutamente misteriosa. Porque ele nunca mais voltou a ser encontrado. E ninguém nunca reivindicou seu lugar. Diversas interpretações surgiram daí, como a de que ele era um mágico poderoso demais.

A estupefação

Ele era não só um pesquisador incansável de seu ofício, mas principalmente alguém que gostava de arriscar. Suas mágicas envolviam organismos mecânicos, jogos de espelhos e antiespelhos, movimentos imóveis, fantasmas palpáveis. A plateia atingia o delírio com suas espirais de números simultâneos, suas multiplicações do inimaginável, do maravilhamento. Movendo-se invisível entre o turbilhão de gerigonças, sincronizou diversos aparelhos e os lançou no centro do palco numa explosão de luz e luz. Caiu pasmo, aterrado, sem compreender minimamente como havia conseguido produzir tal efeito e muito menos como desativá-lo.

Um imprevisto

Depois de muitos aplausos o mágico fez uma longa preparação para seu próximo número. A varinha ziguezagueou insinuante no ar antes que a ponta tocasse de leve a aba da cartola e no centro de uma explosão de minúsculas estrelas multicoloridas ele foi visto transformado em um coelho branco, a varinha voando para longe, agora irrecuperável, já sem nenhuma possibilidade de desfazer o truque e voltar a ser um humano, muito menos mágico.

Realismo

Imprevisível sempre, o mágico piscou com delicadeza os olhos e fez a plateia desaparecer.

PEDRO PÁRAMO À LUZ DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS OU JUAN RULFO, LEITOR EXEMPLAR DE MACHADO DE ASSIS

PAULO MOREIRA

I.

O desconhecimento de textos fundamentais enfraquece nossas reflexões, especialmente quando nos propomos a discutir história e tradições literárias. Na prática pouco importa se o desconhecimento é consciente ou acidental: reinventamos a roda, apontamos falsos pioneiros, levantamos alicerces fracos para sustentar discussões importantes e propomos genealogias onde se destacam (sem querer) as lacunas. Fruto de má vontade e desinteresse ou de simples ignorância – mal do qual todos nós padecemos em certa medida – esse desconhecimento tem suas raízes no que chamo de *Sistema Internacional de Aduana Cultural*, processo de seleção dos textos que circulam internacionalmente, determinado a partir das metrópoles culturais. Não se trata de propor teoria conspiratória para explicar a recepção subestimada ou superestimada de determinadas obras e autores. Devemos apenas reconhecer que o que recebemos é produto de um sistema cultural alheio, que faz escolhas fundadas na conjunção de coincidências felizes ou infelizes, nas suas expectativas com relação a culturas estrangeiras e nas suas idiossincrasias culturais que produzem afinidades e incompreensões. Essas escolhas implicam em tradução, publicação, distribuição e recepção mais ou menos felizes de obras estrangeiras – nossas e de outros países. O sistema se manifesta concretamente no contraste entre o amplo reconhecimento internacional da obra de escritores como Pablo Neruda e Jorge Luís Borges e o relativo desconhecimento fora dos seus países de figuras como Carlos Drummond de Andrade e José Gorostiza, ou no fato de que os autores asiáticos ou africanos que conhecemos são aqueles publicados na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, tendo recebido a aprovação de editoras, imprensa e academia dos países hegemônicos antes de chegar até nós. Para um brasileiro, a curiosidade além desse *Sistema Internacional de Aduana Cultural* indica um grau de soberania intelectual urgente e do qual carecemos. A receita para exercê-la é aparentemente simples: aprender outras línguas, visitar outros países, estabelecer outros contatos, traduzir outros autores. Em outras palavras, contrabandear.

É fácil apontar desconhecimentos alheios e discutir, por exemplo, o quanto perdem os outros com a ausência da obra de Machado de Assis em discussões sobre a modernidade na literatura na virada do século XIX para o XX. Tarefa mais incômoda – e mais relevante para nós – é apontar as lacunas criadas pelo nosso próprio desconhecimento. Não fa-
lemos, pois, do desconhecimento dos leitores de língua espanhola sobre

Machado de Assis, mas do reconhecimento entre eles da importância de Juan Rulfo. Na virada do século *Pedro Páramo* foi escolhido em enquete feita pelo suplemento *Babelia* do jornal *El País* junto a escritores e críticos como o livro mais influente do espanhol no século XX. Temos muito a ganhar conhecendo melhor a obra do autor mexicano que este ano completaria 100 anos e cuja obra é fundamental nas discussões sobre a modernidade na literatura.

II.

Juan Nepomuceno Carlos Pérez Rulfo Vizcaíno nasceu em 1917 em Apulco, foi registrado em Sayula e cresceu em San Gabriel, todas cidades pequenas no sul de Jalisco – estado mexicano origem de contribuições paradigmáticas para a identidade nacional. De Jalisco vêm os Mariachis e a tequila; nasceram ali, além de Rulfo, os escritores Mariano Azuela e Juan José Arreola, os muralistas José Clemente Orozco, Roberto Montenegro e Dr. Atl, o arquiteto Luis Barragán, o cineasta Guillermo del Toro e o ator Gael García Bernal. A infância de Rulfo foi marcada por eventos traumáticos. A Revolução Mexicana começada em 1910 agitou o país até 1920 e mesmo os governos de Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles foram marcados por instabilidade e violência. Quando Rulfo tinha seis anos seu pai foi assassinado com um tiro pelas costas. Em 1926 começou a *Guerra Cristera*, que afetou Jalisco por anos com combates entre o governo e grupos armados sancionados pela Igreja Católica. Ali Rulfo encontra de perto o horror da guerra e o esplendor da leitura:

Quando se meteu na Cristiada, o padre da minha vila deixou a sua biblioteca lá em casa porque nós vivíamos em frente ao curato que foi transformado em quartel e, antes de ir embora, o padre fez toda a sua mudança. Ele tinha muitos livros porque se metia a ser censor eclesiástico e recolhia nas casas todos os livros da gente que possuía livros para ver se eles tinham permissão de lê-los. Ele tinha o index e com base nele os proibia, mas na verdade ele ficava com os livros para ele porque na sua biblioteca havia muito mais livros profanos que religiosos, aqueles livros que eu passei a ler, os romances de Alexandre Dumas, de Victor Hugo, Dick Turpin, Buffalo Bill, Touro Sentado. Tudo isso eu li aos dez anos, passava todo o meu tempo lendo; você não podia sair na rua porque podia acabar levando um tiro. Eu escutava muitos

tiros. Depois de qualquer combate entre as tropas federais e os cristeros havia enforcados pendurados em todos os postes. E também o seguinte: tanto os federais como os cristeros saqueavam do mesmo jeito (Vital: 2004, 36).

Em 1927 a mãe de Rulfo morreu e o menino de 10 anos de idade foi mandado para um orfanato, de onde saiu aos 15 para uma curta experiência frustrada no seminário.

Quando fez 17 anos, Rulfo conseguiu através de um tio um emprego na Cidade do México. Lá o jovem jalisciense viveu intensamente uma vida cultural agitada por inúmeros estrangeiros visitantes e exilados: os russos Sergei Eisenstein e Leon Trotsky, os franceses André Breton e Antonin Artaud, os espanhóis Luis Cernuda e Luis Buñuel, os alemães Mathias Goeritz e Erich Fromm. Rulfo assiste como ouvinte aulas na faculdade de filosofia e letras da UNAM e conhece todo o país a trabalho. A partir de 1945 começa a publicar contos nas revistas *Pan* de Guadalajara e *América* da capital federal, onde aparece pela primeira vez também o seu hoje cada vez mais reconhecido trabalho fotográfico.

Dois bolsas do *Centro Mexicano de Escritores* entre os anos de 1952 e 1954 são decisivas para que Rulfo prepare seus dois livros mais conhecidos. Em 1953 sai a primeira edição do livro de contos *El Llano en llamas* – o *Llano* leva maiúscula por referir-se ao *Llano Grande* [planalto no sul de Jalisco] – e em 1955 se publica *Pedro Páramo* – fragmentos do romance já tinham sido publicados em revistas literárias. Com o passar dos anos, crescem o impacto dos dois livros e a reputação do autor, e também as expectativas de público e crítica quanto a novas publicações, mas segue-se uma produção esparsa – alguns novos contos depois incorporados à coleção de 1953 e revisões no texto de *Pedro Páramo* – além de um importante envolvimento com o cinema que começa com a adaptação do conto “Talpa” dirigida por Alfredo B. Crevenna em 1956 e culmina com os filmes *El gallo de oro* (1964) de Roberto Galvadón e o vanguardista *La fórmula secreta* (1965) de Rubén Gámez.

A produção para cinema em si já indica que o suposto “silêncio de Rulfo” é um mito – ele seguiu dando entrevistas, trabalhando como editor no Instituto Nacional Indigenista de México, escrevendo, por exemplo, uma coluna na revista *El cuento* onde apresentava a leitura de textos de outros autores e ministrando aulas em oficinas literárias. O reconhecimento crescente da sua obra dentro e fora do México causa ressentimentos e espalham-se boatos, por vezes maldosos, sobre o escritor simplório que não consegue escrever. Um caminho bem mais interessante para levar em consideração esse caráter extremamente enxuto da obra de Rulfo é pensar num escritor para quem a carreira – centro absoluto da vida literária de tantos – sempre esteve subordinada à obra. Em um conto de 1969 chamado “El Zorro más sábio”, o amigo Augusto Monterroso parodia a fábula com animais para abordar o tema. A Raposa do título, após publicar dois livros de crescente êxito nacional e internacional de público e crítica, é seguidamente importunada em efemérides literárias com perguntas sobre um próximo livro. Instado a publicar mais, a Raposa argumenta que já publicou dois bons livros e, frente a

insistência na necessidade publicar algo mais, ela se limita a pensar em silêncio: “Na verdade o que eles querem é que eu publique um livro ruim; mas como sou a Raposa, isso não vou fazer”. O narrador conclui a fábula laconicamente: “E não o fez”.

III.

Como muitos escritores fundamentais, Juan Rulfo era antes de tudo um leitor voraz e inteligente. Sua biblioteca se caracteriza pela variedade criteriosa e vários depoimentos lembram a capacidade de Rulfo de ler com atenção e cuidado desde os mais consagrados autores até os mais desconhecidos novatos. Dentre várias tradições mundiais, Rulfo sempre deu destaque, em diferentes ocasiões, à literatura brasileira como a melhor da América Latina. Ele a conhecia como pouquíssimos no México, tendo inclusive indicado ao escritor Daniel Sada – que fez oficinas com Rulfo no começo da carreira – a necessidade de estudar autores como Guimarães Rosa, fato de central importância na obra desse escritor mexicano contemporâneo, recentemente falecido.

Um levantamento parcial da sua biblioteca nos revela que Rulfo possuía cinco livros de Machado de Assis: um *Dom Casmurro* de edição argentina de 1943; um *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do Fondo de Cultura Económica de 1951; duas coletâneas de contos (um *Varias Historias* da Casa de las Américas de 1972 e um *Cuentos* da Biblioteca Ayacucho de 1978) e um *Quincas Borba* de 1979 (também da venezuelana Ayacucho).

Não foi por simples acaso, portanto, que Rulfo foi escolhido para escrever o prólogo da edição de 1982 da tradução de Antonio Alatorre para *Memorias Póstumas de Brás Cubas*, incluída na coleção *Clásicos Americanos* do Fondo de Cultura Económica. Nesse prólogo – que pode ser lido na coletânea *Toda la obra* editada por Claude Fell para a coleção Archivos da Unesco em 1992 – Rulfo demonstra conhecimento da literatura brasileira, citando com propriedade vários autores desde Anchieta até Euclides da Cunha, passando por Castro Alves e Alencar, além de críticos como Antonio Candido, Otto Maria Carpeaux e Afrânio Coutinho.

O prólogo de Rulfo não faz qualquer referência a sua própria pessoa, mas se aproxima de Machado de Assis ao enfatizar a condição de jovem órfão do brasileiro e indiretamente aproxima *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de *Pedro Páramo* ao falar da recepção positiva do romance brasileiro “muy a pesar de certos críticos para quienes, si bien no le reprochaban su calidad, afirmaban que se trataba de una serie de relatos” (*Toda la obra* 439). Jorge Zepeda, crítico mexicano que analisou a recepção inicial de *Pedro Páramo*, descreve exatamente os senões de críticos renomados no México ao romance de Rulfo justamente pelo seu caráter fragmentário.

São fragmentações de natureza diferente: capítulos numerados e intitulados em *Brás Cubas* e fragmentos separados por espaços em branco em *Pedro Páramo*. Neste a fragmentação ajuda a construir o efeito de um complexo coro de vozes descarnadas dissonantes que se revela aos poucos, enquanto a fragmentação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* está centrada na compulsão digressiva de uma única voz defunta, um



O escritor mexicano Juan Rulfo, autor do influente romance *Pedro Páramo*

narrador que constantemente provoca e convoca o seu leitor, se colocando desde o início como autor de “obra difusa” (5) escrita desde “este outro lado do mistério” (313). A fragmentação narrativa (que, é bom lembrar, é sempre um dado relativo) ajuda nesses dois momentos (o final do século XIX e o meio do século XX) a empurrar o romance para além dos seus limites clássicos. Os dois romances, tão diferentes entre si, espan-taram e às vezes perturbaram seus primeiros leitores justamente por serem verdadeiros acontecimentos literários – depois deles o romance e a literatura latino americana não seriam os mesmos.

A fragmentação é apenas a faceta formalmente mais facilmente identificada de algo extraordinário que os dois romances provocam. Tomo aqui um breve comentário recente de Fredric Jameson de que “assim como Le Corbusier descrevia a casa como uma ‘máquina de viver’, o romance sempre foi uma máquina para viver um certo tipo de temporalidade” (“No Magic, No Metaphor”). Temos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Pedro Páramo* propostas para uma experiência radicalmente diferente de temporalidade. A leitura desses romances provoca no leitor a experiência de uma espécie de tempo suspenso pela morte; tempo morto no qual toda a memória do passado se deixa comprimir num estranho presente que não passa e não se deixa substituir por um futuro que não vem. Nem *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nem *Pedro Páramo* se aproximam da morte para contar histórias de fantasmas e induzir terror nos seus leitores. Ao dar voz aos mortos, Machado de Assis e Rulfo fabricam um tecido narrativo a partir de um ponto de vista radicalmente outro, firmemente situado num após-morte que é sempre, necessariamente, avesso a qualquer tipo de representação objetiva em terceira pessoa.

A linguagem, tanto quanto a técnica narrativa em si, engendra e expressa esse tempo defunto que impera nos dois romances. O ponto de vista que explora esse ponto cego da nossa experiência existencial que é o *post-mortem* – tão importante para o caráter inovador dos dois romances – talvez seria melhor definido como um ponto de escuta. A linguagem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e especialmente em *Pedro Páramo* tem um forte componente oral, pois os textos se apresentam como que transbordados da boca de defuntos que se recusam a calar. Esse componente oral não tem nada a ver com uma representação verossímil da linguagem oral, seja do Brasil, seja do México. O vernáculo é um fato social diáfano que existe no ar entre cada um de nós, uma grossa sopa cozida todos os dias por bocas e ouvidos de cada um de nós nas nossas ruas e casas, guardando em sua configuração presente fragmentos de vários outros tempos passados, rastros sutis da nossa história social. A linguagem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Pedro Páramo* é fruto de uma cuidadosa elaboração estética que mescla esse vernáculo com várias tradições literárias em busca de uma expressão verbal sonoramente poderosa, capaz de ressoar nos nossos ouvidos muito tempo depois de terminada a leitura – penso que a leitura que fizemos na AML em julho com o auxílio luxuoso dos atores Eduardo Moreira e Inês Peixoto de dois trechos-chave dos dois livros foi esclarecedora desse ponto. Assim como no uso da fragmentação narrativa e das vozes e tempos defuntos,

esse procedimento estético que não copia nem vernáculo nem a tradição erudita mas propõe uma síntese poderosa dos dois é profundamente pessoal, tanto no português de Machado de Assis como no espanhol de Rulfo. Bastam exemplos breves para explicar as especificidades da linguagem de cada um.

Primeiro Machado de Assis, já na abertura do romance:

Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião (5).

Aqui temos o narrador nos puxando para dançar entre pena e tinta, galhofa e melancolia, gente grave e gente frívola, romance puro e romance usual, estima e amor. A consistência com que a voz narrativa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* articula tudo no seu cosmos literário em termos de uma dança sinuosa entre dois polos opostos complementares é espantosa. Salte um par de páginas e lá está o narrador trançando princípio e fim, nascimento e morte, a campa e o berço, introito e cabo, Moisés e Brás Cubas, “esse livro” e o Pentateuco, o autor defunto e o defunto autor. Salte uma centena de páginas e giramos com ele entre Virgília e Marcela, uma pele fina e rosada e outra comida de bexigas e amarela, pureza e estigma, olhos travessos e olhos murchos, brandura e repulsa, sair ou ficar e por aí vamos. O leitor dança com o narrador defunto a fina coreografia traçada por Machado de Assis sem ter nunca um momento de descanso em qualquer um dos dois polos simultaneamente propostos e negados. Muitas dessas sequências sinuosas vivem hoje nas bocas de milhões de falantes do português que nem sabem que estão obliquamente citando e recitando o defunto Brás Cubas.

No caso de *Pedro Páramo*, Rulfo usa concisão e poesia para espalhar por todo o livro máximas, juízos, sentenças e vaticínios saídos das bocas espectrais dos personagens defuntos. Essas frases lapidares que reverberam na memória dos leitores muito depois da leitura são produto de uma fina alquimia verbal que mescla oralidades no registro escrito e poesia no registro prosaico. As vozes descarnadas produzem a linguagem autoritária de uma sociedade onde manda quem pode e obedece quem tem juízo. Mortos, mandatários e ajuizados compartilham a vontade de gravar na pedra ou na carne a força dos seus desejos e dos seus ressentimentos expressados em palavras. O golpe de gênio de Rulfo – e algo que aproxima essa linguagem tão impositiva do vaivém sinuoso de *Brás Cubas* – é articular essas vozes que se querem monológicas e autoritárias num imenso coral de vozes dissonantes que não se submete a uma harmonia monológica nem se rende à cacofonia.

As vozes que se pronunciam sobre o protagonista que dá nome ao romance são exemplares nesse sentido. Pedro Páramo é para o filho abandonado Juan Preciado primeiro “la esperanza” e depois “la ilusión”; para o filho bastardo Abundio “un rencor vivo” e para o filho dileto Miguel um



Caricatura do escritor carioca Machado de Assis,
de autoria desconhecida

exemplo de conduta copiado em chave grotesca. O pai de Pedro, Lucas Páramo, fala em “un inútil [...] un flojo de marca [...] no se cuenta com él para nada” e vaticina que “ni para que me sirva de bordón servirá cuando yo esté viejo” e a avó reclama de um tipo dado a “rarezas” e incapaz de resignar-se que “va a ir mal”. Ambos, pai e avó, fazem profecias ao contrário, já que após a morte do pai, Pedro se transforma numa espécie de hipergrileiro/latifundiário/cacique. Nesse segundo momento, enquanto o capataz Fulgor Sedano se espanta com a capacidade do patrão para dar golpes e acumular terras, Bartolomé San Juan se referem a Pedro como “pura maldade” e o padre Rentería em “sangue ruim”. Quando chega a Revolução o latifundiário converte-se num revolucionário às avessas, avesso da potência libertária da revolução: um revoltoso reclama num primeiro encontro que Pedro Páramo não daria “água nem ao Galo da Paixão de Cristo” mas o futuro líder *El Tilcuate* repete como um refrão que sempre tira algo de proveito quando encontra com o seu chefe/protetor.

Além do enredo fragmentado, do tempo e vozes defuntos e da linguagem sinuosa e reverberante, um quarto eixo é fundamental na aproximação dos dois romances: a relação crítica entre a sociedade brasileira do século XIX e a mexicana do começo do século XX e os cosmos literários onde o inerte Brás Cubas e o hiperativo Pedro Páramo existem. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* desnuda a aparente modorra do segundo império e desvela um torvelinho de grandes e pequenas contradições, injustiças e violências, enquanto *Pedro Páramo* acusa continuidades escandalosas entre os períodos pré e pós-revolucionário, pondo em cheque mitos que o poder hegemônico do PRI consolidava na cultura mexicana. Nos dois romances fica claro a potencialidade da representação literária que não se propõe como cópia e, portanto, não quer ser espelho, mas que oferece uma interpretação crítica da realidade e quer ser uma lanterna que ilumina certos aspectos fundamentais da realidade afixando o gume da inteligência crítica que é atributo particular das artes. Nem Brás Cubas nem Pedro Páramo se resumem a vilões de panfleto e aqueles que se apressam em negar que possam ter algo em comum com essas figuras às vezes tão terríveis mas também tão terrivelmente humanas querem manter intactos pontos cegos que os dois romances investigam obstinadamente.

Narrativa, tempo, linguagem e representação são, portanto, cuidadosamente trabalhados num poderoso todo orgânico nesses dois romances extraordinários. Machado de Assis é um leitor voraz e criativo que transforma em algo radicalmente seu tudo aquilo que aprende com Shakespeare, Cervantes, Sterne, com a tradição romântica, com a história e o cotidiano do seu tempo e lugar. Rulfo, também leitor voraz e criativo,

Além do enredo

fragmentado, do tempo

e vozes defuntos e da

linguagem sinuosa e

reverberante, um quarto

eixo é fundamental na

aproximação dos dois

romances: a relação

crítica entre a

sociedade brasileira do

século XIX e a mexicana

do começo do século XX

e os cosmos literários

onde o inerte Brás

Cubas e o hiperativo

Pedro Páramo existem.

transforma em algo radicalmente seu tudo o que aprende com Machado de Assis, Faulkner e Rilke, com a *novela de la revolución*, com a história e o cotidiano do seu tempo e lugar.

A leitura da primeira versão deste texto na AML seguiu-se da leitura de dois trechos capitais dos dois romances. Em “Delírio” (23-29) Brás Cubas defunto descreve o encontro que Brás Cubas moribundo teve com a terrível figura ancestral da Natureza/Pandora. Nesse delírio que antecipa a morte ele é apresentado ainda moribundo ao tempo além do tempo de onde ele nos conta suas memórias. É um momento em que a suave coreografia sinuosa do narrador aumenta sua voltagem e se aproxima de uma ruptura poética definitiva. Sob o impacto desse momento tão poderoso de Machado de Assis, escutamos em seguida o fragmento central de *Pedro Páramo*, quando Juan Preciado, o narrador inicial do romance, conversa com sua companheira de sepultura Dorotéia/Doroteu sobre a sua própria morte e sobre a morte como o fim de ilusões que moveram os dois personagens em vida. Na leitura desse fragmento percebemos que não somos mais leitores comuns e sim ouvintes de um espetacular coro de vozes defuntas. A Natureza/Pandora de Machado de Assis afirma ao moribundo Brás Cubas que “minha inimidade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma” e de dentro da sua sepultura a Dorotéia de Rulfo retruca dizendo a Juan Preciado, “já deixa de ter medo. Agora ninguém pode te dar medo. Faça força para pensar coisas agradáveis que vamos estar aqui enterrados por muito tempo”.

Dar vez e voz aos defuntos dessa forma é uma estratégia brilhante. Em *Dialética da Colonização*, Alfredo Bosi fala da relação entre cultura e cultivo da terra e comenta sobre o momento decisivo em que o colono/colonizador/colonizado faz sua a terra onde vive. É aquele momento em que ele enterra ali não apenas a semente que cultiva mas também os mortos que cultua [ou esconde]. Machado de Assis e Rulfo desenterram esses mortos e os fazem falar, revolucionando assim o romance moderno nos seus países, nas suas línguas e na América Latina.

PAULO MOREIRA

é carioca. Graduado em Letras Inglesas pela UFMG, fez doutorado em Literatura Comparada na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. Foi professor em Yale entre 2006 e 2015 e atualmente leciona na Universidade de Oklahoma.

POEMAS DE NICOLAS BEHR

diante da beleza
das formas do teu corpo
as curvas criadas por niemeyer
são ângulos retos

te desejo, eu disse
ainda?

cada vez mais,
responde o tempo

cada vez melhor,
completa o amor
- se intrometendo na conversa -

finalmente te perdi
e a reconquista
se inicia

o território é o seu corpo
o inimigo a brutalidade
(alcina um dia me disse:
eu não sou só buracos!)

minhas armas
sempre falham
nos campos de batalha
da alma

avanço mas abraço o vazio

as letras desejam
e assim as palavras se atraem
para formar o corpo do poema

que deseja outros poemas
para formar o corpo do livro
(livro é bom de pegar)

os livros se desejam para formar
bibliotecas que são corpos imensos
que carregam tantos desejos
e por isso se incendiam tão facilmente

me pegou no flagra, no bar,
com a loura oxigenada (aquela,
do poema da adélia)

desde então eu manco

$$\begin{array}{l} L + C \\ A = \text{-----} \\ I - N \times A \end{array}$$

pelos meus cálculos
nosso amor é possível

NICOLAS BEHR

mato-grossense de Cuiabá e radicado em Brasília desde a adolescência, é ligado à poesia marginal. Em 1977 lançou *logurte com farinha*, seu primeiro livro feito em mimeógrafo. Tem mais de 30 livros publicados.

PENSAR AXILAS

CONTO DE ALCIENE RIBEIRO

A véspera surreal ainda lateja, viscosa, nas têmporas da mulher. Mal crê no vivido em um lapso de invigilância. O sujo teima na pele, os sentidos boquiabertos, náusea.

Estômago à deriva.

O apelo, displicente, ao jornal, a se distrair do dia indigesto. Mas, oh, Deus! Em caixa alta, a quatro cores, o recado cifrado, despique de um parceiro amuado, com livre trânsito pela redação. Ele revira, sem cerimônia, a dor da ferida, insensível ao seu pasmo.

Primeira página.

Políticos caitituam manchetes ao exhibir, debaixo dos braços, meias-luas escuras, senão luas cheias, à guisa de comendas. Os caçadores de votos encenam afinidade com o suado trabalhador, e os *flashes* pipocam: registram-se, para a posteridade, tapinhas nas costas grudadas aos paletós correligionários.

Olhar arguto versus caras fascinadas.

Em ponto menor, mas com a ironia implícita do diagramador, o melhor amigo dele, atletas, suor e pelos às mancheias. Na volta olímpica, axilas escorrem a vibração pela conquista de troféu. De mão em mão, a taça desliza nos poros que irrigam o verde do gramado.

Sorriso largo e músculos, na foto ao lado, cultores do ego trocam camisas, pingando o cecê adversário no tapete vivo.

Arena de capim salmoura.

De alto a baixo, o noticiário exala a pseudosseriedade de alguns colarinhos brancos e a realização de cartolas assépticos, via transpiração alheia. Torcido, o papel liquefaz-se, malcheiroso, com o delírio de vencedores e a hipocrisia engravatada.

Salgada virilidade.

A mulher, intrigada: *O passeio interrompido de chofre renderia chamada de capa?* Bom gancho para a seção de psicanálise, de sexologia... ou de humor.

Caderno Dois.

Cronista irreverente usa, sem pudor, o sinônimo sovaco (arre!) e ainda confessa o fetiche pelo recorte anatômico.

O amuo do namorado jornalista pautou a matéria do dia com o propósito de espezinhar a perplexa desertora. Despique pela evasão abrupta da fêmea, perdida em si mesma e no anacronismo do projeto original: *Aquele detalhe corpóreo só deveria exalar aromas.*

Mas, ai do amado! Uma mensagem ao cronista abusado é só o primeiro passo, coloca-o no lugar. Aos seus pés... ou debaixo do braço.

Utilizasse o transporte público, o colaborador novato!... Observasse a abominável porção corporal dependurada igual a morcegos nas barras dos coletivos: os senhores e senhoras usuários ignoram solenemente, olhos e narizes alheios na exposição de suas vergonhas. Desfilam concavidades masculinas, femininas, novas, velhas, cheirosas ou fedidas, depiladas ou carentes de um bom barbear.

Múltiplos orgasmos versus vômitos entalados.

Ah, não! O Editor-chefe não entenderá, nem recado nem signatária. Liga a TV por desfastio, mas pergunta cretina colhe-a em estupefação:

O que você faz para mostrar suas axilas?

Três moças, alegres, blusas sem alças, mãos para cima, a resposta deprimente. Não sorriram, dir-se-ia cena de algum clássico de *bang-bang*: o bandido rende as mocinhas no saloon.

Dois em um, a nova maravilha da Amazônia para você. O hidratante e desodorante Cheiro Bom deixa suas axilas claras, macias, perfumadas, tentadoras! Experimente, é pura sedução... ele não vai resistir.

A voz em *off* embala exaustiva *performance* de modelo. Caras e bocas, narinas frementes, dedos acariciam a região. Pudesse, a língua provaria a promessa de glamour, tal o apetite fisionômico da ginasta.

Beijinho no ombro... Ou na axila?

Quanta bobagem!... – Controle remoto. Pronto.

Aquilo negligencia o senso do ridículo, invade a privacidade, incrementa o consumo do supérfluo, e vende erotismo. Como se o enigma existencial se resumisse a axilar realização.

Propaganda violadora.

Episódios constrangedores privilegiam o ângulo vulnerável em protagonismo, e três vestidos coadjuvaram com essa parte velada: na estreia do novo estilo esboço-de-mulher, a estampa se manchou na cava. Então quis preservar as cores do seguinte, poupando-o do tanque. Quê! Antes desbotado: o dedo acusador do irmão, nariz tapado, expôs seu ponto fraco ao vexame. Por último, um fiasco a roupa comprada em cima da hora; a colegial recém-saída do banho jamais preveria a fedentina na química tinta e fluido corporal, se mal ouvira menção a Tabela Periódica e a similares.

Nada tão sério na visão dos outros, mas foi o prelúdio de um período regado a suores e lágrimas camufladas.

Dois graves atentados no início da juventude tatuariam, de vez, a autoestima claudicante. O pior? Sua primeira vez, num cenário tragicômico, sem poesia, ou o namorado travestido em padeiro amador? Ele sovou-lhe os seios com o maior empenho em não desandar a receita. Na faina-cozinheira, unhas arranharam axilas em seca frustração.

Vade retro, rosca de padaria!

Inibição, postura seletiva de parceiros, solteirice enrustida, sim. Não ao pleno exercício da sexualidade... Até ontem.

Romance, fermento. Bolo, calcinha. Sêmen, biscoito. Preservativo, ninguém.

Quão distante dela mesma, em pequena, passeios na fazenda do tio, gado, peões... Ah, os peões! Camisas marcadas de molhado levam-na de volta. E a acuam.

Ele só queria se divertir à custa da caipira gotejante, ai dela! Iludida, foi ao vis-à-vis numa tarde de segunda-feira. Exíguos quinze minutos para o café, e esperou dez, vinte, a tensão crescendo na marcha dos ponteiros. Um olho neles, outro na porta da lanchonete, fio de suor nas costas sublinhou ruga na testa do patrão.

O odor selvagem fascinava e lhe dava asco, embora o traduzisse pelo simples nojo.

Isso é próprio dos brutos, de gente-bicho sem asseio; toma distância, ou a praga te pega! – A vizinha, na cidade, dedo em riste.

O fedor dos homens nocauteava o estômago. Nocaute revivido em puberdade flagrada com úmidas meias-luas na blusa de algodão.

Isso não, eu também? A doença dos peões me pegou, estava incubada, que horror!

Arrepio na raiz dos cabelos.

E tome água, sabão, álcool. Friccionou-se com folhas maceradas de hortelã, contrita se benzeu, e em mangas escondeu da mãe o ardor vermelho, feridas. Que remédio! Doravante, o suor teimou sob os braços, e ela emudeceu ante a maldição sudorípara. Não sem culpa, complexos, um estigma de imundície intrínseco ao ser mal-acabado.

Feia. Suja. Relegada aos bastidores da alegria, administrou mal e mal a sujeira. Pudesse cortar o mal pela raiz... ou melhor, a penugem a crescer, irrigada pelas excrescências dos côncavos secretos. Pudesse! Até tentou, ferindo-se, desajeitada, na lâmina rombuda descartada pelo pai.

Adolescer de caramujo.

Olhos fugidios, a não ver que a viam, apertava-se ao tronco. Tecidos claros por disfarce, ombros projetados à frente... E a corcunda cobrou o qui-

nhão à menina alta e magricela, de porte viciado, nenhum encanto.

Sem alternativa, arcou com o fardo, e cresceu apesar de, aos solavancos do *eu*. Tempo afora, aos trancos e barrancos, devagar se acomodou aos conformes da epiderme e, quase resolvida, deparou com cupido.

O jovem dentista, chegado da Capital, reparou na suarenta, quem diria! A mera comerciária se pensou gata borralheira, mas reticente à corte do príncipe de Reino distante da província. O sapatinho de cristal da Cinderela se quebraria no pé 39/40.

Limusine de abóbora.

Ele só queria se divertir à custa da caipira gotejante, ai dela! Iludida, foi ao vis-à-vis numa tarde de segunda-feira. Exíguos quinze minutos para o café, e esperou dez, vinte, a tensão crescendo na marcha dos ponteiros. Um olho neles, outro na porta da lanchonete, fio de suor nas costas sublinhou ruga na testa do patrão.

Vigésimo quinto minuto, toca o alarme. Mãos transpiram ansiedade, axilas bordejam, e ouve, quase, o pinga-pinga nas dobras da pele. A umidade se espria pelo contorno do busto, e a blusa verde se tingia de bandeira até perto da cintura: *Em teu seio formoso retratas a verdura sem par destas matas...*

Verde afogar.

Soou a hora fatal. Carruagem, cocheiro, tudo rodou na enchente dos

ângulos chuvosos. Nem liteira por arrimo... E o borralho espera atrás do balcão.

Mas o passo lépido do odontólogo, sorriso de lorde, ergue pontes levadiças. E agora? A andarilha focou o alçapão do fosso dos crocodilos. Que são feras diante da prova anunciada?

Colada às costelas, só move o antebraço ao estender a mão, beijada numa medida. O dorso dobrado, ela sorri sem sorrir. Ai, meu Deus!

Sem salva-vidas, sufocada no próprio alagamento, um príncipe-sapo nem doeria. Mas ele superou a madrasta em crueldade. Com certeza se pensou *en passant* neobacharel em direito, e o diploma na parede requeria justificativa. Numa apelação correta, anomalias se fundamentam com diagnóstico.

O douto olhar pousou na inundação, e o que disse, não importa. Sim o visto e ouvido pela naufraga. De beca e anel, sorriso divertido, sentenciou o estresse: *Culpado!*

Submersa por um *tsunami*, ela agarrou-se ao relógio-tábua-salvadora e, rubra de humilhação, sibilou:

É tarde, tenho de ir... o meu chefe...

Pós-graduado em vaidade, PhD em personalismo, o doutor ficou lá, respingado pela onda que a envolveu. E ela, o salto três da sandália terra-a-terra na calçada, toc-toc, se situou no tempo e espaço. Juras de *nunca mais*, *doutorzinho*, permearam desculpas evasivas à sisudez do gerente.

Certa maldadezinha, vista e conferida em crise de dor de dente, endireitou-lhe os ombros: o cavalo branco do príncipe se desencantou em reles banquinho de mola, sem encosto; e é rotina na sala do trono dragões de bocas cariadas cuspirem hálito pestilento no real personagem.

Decolagem de vassoura. *Hi!... hi!... hi!...*

Enfim, outros rapazes, passeios... a dança, um dos poucos prazeres.

Numa encalorada vespéral dançante, o dois pra lá, dois pra cá prometia, até o caldo entornar, literalmente: o moço solta-lhe a mão, entre um revoltaio e outro, toma um lenço do bolso e, unindo palavra ao gesto:

Estou transpirando... mesmo! – Enfia o pano sob a manga curta da camisa e se enxuga, na maior desfaçatez.

Cruz credo a mão na sua de novo! Amém para a última volta na pista. E muda exclamação: o calorento lhe oferece o dito lenço ao fim da contradança (a palavra, aqui, encaixa-se como luva).

A recusa, com todas as letras em negrito num polido *obrigada*, e o estranhamento definitivo pelo costume já em desuso: o cavalheiro, ao término da dança, emprestava o lenço, muitas vezes o único, a todas as damas.

Digitais de suor.

Ruminanças axilares se impõem, nauseabundas. Estaria grávida? Daí o recordar olfativo, em nítida impressão de tempo real. Não só odores, imagens se delineiam, como se certo gorducho, lá atrás no calendário, ainda viajasse na poltrona ao lado.

O ônibus seguia veloz, ela cochilava até ele embarcar na primeira parada: camiseta regata, aboletou-se no seu espaço, coxas abertas. Bocejo ruidoso, mãos à nuca, tufos negros e malcheirosos à brisa. Roncou todo o percurso, e a *vítima* se espremeu na janela, rosto virado. Torcicolo disse

sim, e a inhaca persegue-a ainda.

É isso. Aquilo se entranhou na infância, se alimentou na comunhão com a feiura, e se entronizou na sua incoerência na cama, ou de pé.

Parágrafo único: é vetada inteireza às menos belas.

Até o jornalista, acima de qualquer suspeita, se imiscuiu no seu segredo. Até ele se arvora em reavivar o trauma axilar há muito no índice de quem abriu mão de respostas.

Tudo ia bem, na calmaria dos começos, a observância de fronteiras, avanços e recuos. Mais recuos que avanços no território de morros e planícies. Conjunções castas, respeitadas, quem sabe. Ele e o perfume de lavanda, camisas impecáveis, hálito inodoro.

Por que a tal pousada? Final de expediente, paletó e gravata em tarde de sexta-feira ao volante, estrada de terra, sol, calor... E a novidade!

No pitoresco chalé, os corpos exalaram a faina competitiva: trânsito, metas, fumo, projetos, fuligem, produtividade. Clima de pecado, ele se desnudou em revelações. Um desejo urgente em negação de esperas, o banho depois. E ela se submeteu, penitente, ao roçar de pelos axilares na face: uma ânsia amoníaca... demoníaca.

Ah, o afago inédito, a entrega jamais pensada! Os lábios do homem profanaram ocultos poros, e o beijo nas pudicas axilas eletrizou-a...

Então, fugiu.

ALCIENE RIBEIRO

mineira de Ituiutaba, é autora, entre outros, de *Filho de Pinguço* (Editora Comunicação, BH) e *Drácula Tupiniquim* (Editora RHI, BH).

É mais um dia de perda de sentido,
 família, Deus, o mercado – tudo é prensa,
 nessa mistura fast-food com bandido,
 no corre atrás da vida que não pensa

se vale a pena a correria para nada,
 em cada rua uma oferta de trouxinha,
 a traficante se parece com a fada,
 pra comer, a menor tira a calcinha.

Hora do rush faz o transe da babel,
 em cada esquina um assalto de tocaia:
 o caos urbano cheira crack e a xarel,
 loura gelada, muito sexo e só gandaia.

A maioria se espreme no busão,
 e não se livra da gangue à mão armada;
 daqui a pouco preso mora em camburão,
 a violência é só oferta com porrada.

Não há escolha nessa troca de mentira,
 a pressa corre e dá de cara com o perigo,
 ninguém sabe se o que mata é fome ou o tira,
 se o que morre será mesmo o inimigo.

Vidro suspenso que lá vem o trombadinha,
 na sequência bando troncho de pivetes,
 e o táxi por sequestro sai da linha,
 você decide: um balaço ou canivete.

Quem vai de carro curte sarro com o estresse,
 e como pária foge do engarrafamento,
 chuva miúda, óleo na pista, a curva em S,
 a tevê mostra os presuntos do momento.

Hora de Ângelus quer dizer adrenalina,
 o desafio é chegar inteiro em casa,
 herói urbano com nervos de gasolina,
 que a contramão dessa briga cria asas.

Rap hour

MÁRCIO ALMEIDA

Aperte o cinto que a noite é de pega,
 a fauna solta vem malhando o arrastão,
 o bebum louco liga o farol que cega,
 a avenida vira pista de avião.

Muita cantada de pneu nessa disputa,
 o seu carona pode ser muito doidão,
 desfilam drags, pitibichas, muita puta,
 e o carro serve de motel e de caixão.

Vão do seu lado perueiros e a ambulância,
 muita buzina é sinal de coisa preta,
 enquanto reza, você pede segurança,
 e logo adiante mói a Besta num Cometa.

O sinal fecha e passa um raio na retina,
 o mauricinho quer mostrar que é potente,
 o guarda apita, tudo bem com a propina,
 e o menor pratica pra matar mais gente.
 E viva a vida na vã veloz cidade,
 onde escapar é o prêmio que alerta:
 pisar mais fundo é sentir a liberdade
 e o inferno tem a porta sempre aberta.